

1. CRÓNICA 96-98, MACAU NÃO É TÉRA MINHA, 26 abril – 16 maio 2011

98.0. INTRODUÇÃO

(a Macau)

“Às vezes, temes que eu não te ame tanto quanto gostarias?

Minha querida, eu te amo sempre e eternamente, sem reservas.

Quanto mais conheci, mais amei.

De todas as maneiras até meus ciúmes foram agonias de amor; no mais violento acesso que sofri, teria morrido de amor por ti.

Já te atormentei demais, mas por amor! Posso evitá-lo? Sempre te renovo.

O último dos teus beijos sempre foi o mais doce, o último sorriso o mais luminoso, o último gesto, o mais gracioso.

Ontem, ..., fiquei tão cheio de admiração como se te visse pela primeira vez”.

John Keats

Vivi lá de 1976 a 1982 (Macau) e aprendi imenso com eles, foi uma inolvidável experiência voltar este ano com os colóquios da lusofonia e durante dez dias estar rodeado daquela gente e cultura e fazer comparações muitas vezes negativas para a civilização ocidental onde vivo há 15 anos...

... em épocas de crise sobretudo de crises de valores parece haver um chamamento para as ancestrais práticas budistas, pelo menos em parte ...

... aliás viver na Lomba da Maia já é - em si mesmo - um despojar de materialismos inúteis...claro que muita coisa me desagrada na maneira de ser chinesa e Macau e HK são hoje capitais do consumismo desenfreado, mas existem ainda janelas de vida para além de casinos e coisas quejandas...

... aprendi com eles que o presente nada conta sem carregar o passado e que o amanhã é sempre muito distante e é para ele que se deve trabalhar sabendo que nunca veremos frutos em vida....

... fui criado como católico, apostólico romano como quase todos, embora seja ateu..., mas se algum dia me aproximar de alguma religião ou "modo de vida" será, sem dúvida o budismo. Mais do que uma religião, o budismo (Buda não era Deus nem seu representante) é uma filosofia de vida...

... já perdi a capacidade de ser vingativo..., mas sinto que apesar da elevada espiritualidade sem religião que possuo e de trabalhar graciosamente 99% do ano para a minha missão na terra, defesa da língua de todos nós através dos colóquios da lusofonia, com prejuízo para o bem-estar meu e da família (só quero ter o suficiente para sobreviver), faz-me falta atingir a meditação transcendental, pois ainda não passo da meditação básica como qualquer outro ser humano básico...

... estou farto da maldade, da mentira, da injustiça que me rodeia, fujo das grandes cidades que aniquilam o ego naquilo que ele exige de direito à liberdade de pensamento e de expressão... tornei-me mais eremita que o Daniel (de Sá) e anseio por um nicho que (por vezes) os Açores e mesmo a Lomba da Maia já não proporcionam se bem que muito melhores que Lisboa, Porto ou PDL...

... enfim divagações e lucubrações mentais ensonadas enquanto acabo de gravar as atas do colóquio que teimo em entregar antes do colóquio começar como fazemos desde 2002 em vez de fazer portuguesmente a sua entrega mais de um ano após o evento... todos têm noções demasiado rígidas e normas demasiado apertadas a que não sou capaz de me cingir, ..., já me chamaram de tudo, mas como não sou de velcro não pega nada nem um só rótulo se agarra...

... divulgo os autores açorianos apenas porque gosto deles e entendo que todos os devam ler, nada mais, nem fama nem proveito busco que já tive toda a que precisava até aos 45 anos, agora aos 62 tento deixar um legado de dádiva à comunidade que me rodeia em troca de nada....

Marco Polo (1254-1324) depois de viver no Oriente por 18 anos, e adquirir uma posição de prestígio na corte de Kublai-Klan, ao regressar, trouxe da China recordações curiosas para o Ocidente: o macarrão, a bússola, a pólvora, e a gravura de madeira, um dos antecedentes da imprensa.

Durante a época em que estive no cativo em Veneza, junto com o seu companheiro de prisão, Rusticiano de Pisa (Rustichello), escreveu o que viu e ouviu na sua viagem pelo Oriente no “Livro do milhão de maravilhas do mundo”, conjunto de mitos e lendas, que, segundo ele, não era a metade do que viu.

Este livro serviu para despertar o imaginário dos europeus e suas ambições e para subjugar o Oriente à Europa pela ideia de que ali existia o Paraíso Terrestre.

Por seu turno, outro dos primeiros europeus por terras de Cataio, foi Frei Bento de Góis (1562-1607), um açoriano de São Miguel, que entrou para os Jesuítas em Goa (1584) com os seus dotes linguísticos e diplomáticos.

Em 1595 foi emissário entre o Grande Mogul e o Vice-Rei das Índias.

Em setembro de 1602 partiu de Goa em busca do lendário Cataio, reino onde se afirmava existirem comunidades cristãs nestorianas.

A viagem era muito extensa (mais de 6 mil quilómetros) e de longa duração (mais de três anos), e onde grandes obstáculos se deparam ao longo do percurso, com muitos conflitos na região, uma profusão de reinos e estados, e grandes montanhas e desertos.

Para além disso, a maior parte do seu percurso foi realizado em território de muçulmanos que nutriam especial animosidade pelos cristãos.

Em inícios de 1606 Bento de Góis chegou a Sochaw (Suzhou, agora Jiuquan), junto da Muralha da China, uma cidade próxima de Dunhuang na província de Gansu.

Góis provou assim que o reino de Cataio e o reino da China eram afinal o mesmo, tal como a cidade de Khambalaik, de Marco Polo, era efetivamente a cidade de Pequim.

Doente (por ter sido atacado, assaltado e ferido) e com poucos meios de subsistência comunicou-o em carta ao padre Matteo Ricci, residente na corte de Pequim, que lhe enviou o padre João Fernandes, um jesuíta de origem chinesa, para o conduzir até Pequim.

Contudo, quando este alcançou Bento de Góis já ele estava à beira da morte, o que ocorreu em 11 de abril de 1607.

98.1. MACAU NÃO É TERA MINHA

Ao iniciar a trilogia da *Crónica Açores* escreveu-se, mais ou menos, isto

“Aqui não há Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um cavaleiro da poesia, da utopia, temeroso e aventureiro, sequioso de aprender outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, matéria desconhecida parte à conquista do “lulic” em Timor Português, dos hippies em Bali na Indonésia, sobrevive em Portugal ao “verão quente” de 1975, atravessa as Portas do Cerco na China de Macau, percorre a Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com passagens pelo oriente do meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de ir redescobrir o Brasil e Portugal e outros países para, por fim aterrar como uma águia de asa-redonda (Buteo buteo rothschildi) na ilha de S. Miguel, Açores.

Daqui parti fugazmente à conquista de novas ilhas (Santa Maria, Faial, Pico e S. Jorge).

Se na pátria Austrália descobri uma tribo aborígine a falar um crioulo português com mais de 450 anos, descobri Bragança como Mãria e nos Açores descobri um povo e uma literatura que a maior parte do mundo desconhecia”.

A inquietude persegue-me desde que saí da Europa em 1973 e me abri ao conhecimento universal e multicultural. Adquiri uma errância mais própria de nómadas ciganos do que das minhas origens sedentárias de marrano galaico-português.

Esta inconstância assola-me mais desde que me arquipelizei nos Açores, há seis anos, sendo caracterizada pela infidelidade no amor à ilha que habito.

De cada vez que daqui saio, visito ou conheço nova ilha apaixono-me loucamente como se fora um jovem adolescente de sangue quente em busca de paixões avassaladoras como são os amores da juventude.

*A minha *Crónica Açores* em livro retrata amores de Timor, Macau, Austrália, Brasil, Bragança e Açores e, futuramente, retratará esta paixão súbita surgida do nada que foram dez dias em Macau e adjacências. Acordo a pensar em Macau, deito-me a sonhar com ela, divago todo o dia em mil e um recantos que guardo ciosamente na memória com medo de os perder.*

Essa mistura imagética combina culturas e sons e persegue-me com a sua mística enleante, atraí-me, chama-me e seduz-me em cabaias provocantes, pede-me que a descubra como outrora a descobriam os portugueses que por ali andaram há quinhentos anos.

Macau é nome de mulher, de deusa, de sereia, religião, amores por mitigar. Agora, em vez de uma imagem mítica de uma Macau retrógrada e com algumas pinceladas portuguesas, surge uma nova identidade mais embiocada, voltada ao futuro, à imparável rapidez do progresso: prédios construídos com andaimes de bambu, estradas, pontes e túneis, aterros e junção de ilhas. Da vontade de criar coisas novas sem jamais descurar a herança do passado que marca a diferença entre esta urbe e as restantes megalópoles asiáticas. Nela, reavistei alguns esconsos lugares que guardei na memória velha de trinta anos, e redescobri uma cidade nova pujante de vida e de futuro, onde dantes habitavam fantasmas de passados coloniais cheios de plumas ocas de governantes, meros tigres de papel como aqueles papagaios de seda que se levam à praia de *Hác Sa* para voar ao domingo.

Revi amigos e familiares como se só ontem me tivesse apartado deles, não sem que antes deixasse cair a lágrima furtiva ao canto do olho, pelas memórias dos bons momentos passados juntos. É sempre bom saber que ainda há gente octogenária disposta a conduzir horas para se encontrar comigo, quando outros, bem mais novos, nem sequer uns passos dariam para o fazer.

Ao contrário de Vasco da Gama e das suas comitivas que pouco mais levavam do que diminutas oferendas de colares de contas e outras bugigangas, fomos (eu e a comitiva dos Colóquios da Lusofonia) recebidos como se pertencêssemos a um séquito imperial na corte da dinastia Qing, que nisto de ancestralidade e de cultura e de sabedoria os chineses já as cultivam há milhares de anos. Assim, tratam os forasteiros que vêm por bem, sem devaneios de um Quinto Império, apenas trazendo na bagagem o sonho de uma Lusofonia universal que a todos irmane num mesmo denominador comum, uma língua que falam, trabalham e vivem, qualquer que seja a raça, o credo ou a nacionalidade.

Esta viagem ao sortilégio mágico dos orientes foi a primeira para muitos. Para alguns outros tratou-se de revisitar memórias, rever lugares e pessoas e redescobrir espaços e tempos que numa qualquer situação anterior foram importantes. Para mim, havia a agenda secreta de cumprir mais uma missão impossível, lançar projetos de salvação de um crioulo maquista em vias de extinção, com a ajuda de todos, os poucos que, denodadamente, no local o tentam manter vivo. Para isso haveria de congregiar esforços e lutas e abrir novos rumos. Era apenas um mero facilitador de vontades, um voluntário da Lusofonia, não buscando fama nem honrarias, apenas a possibilidade de fazer a diferença com os Colóquios a agirem como representantes da sociedade civil atuante. Bastava a honra de poder ouvir e aprender com os grandes mestres e patronos Evanildo Bechara e Malaca Casteleiro. Nisto de insularidades já levo a minha conta de aprendizagens, feitas por medida no alfaiate dos sonhos, mas falta-me a imaginação de Marco Polo ou de Fernão Mendes Pinto para descrever esta inopinada ida ao Grande Império do Meio surgida, quase de imprevisto, no dealbar do outono da vida, tão rica e privilegiada de viagens e aprendizagens diversas em vários continentes. Sempre tão pródigo em palavras fiquei acabrunhado, emudecido, e - até - consternado pela inadequação ao tratamento com que me honravam.

Domine non sum dignus.

98.2. MACAU REVISITADO PARTE I

O poeta devaneia, deus dispõe e o homem executa, estas poderiam ser as palavras que melhor definiriam a gênese deste 15º colóquio da lusofonia.

Segundo os arqueólogos, Macau¹ já era habitada no Neolítico, há seis mil anos. Durante a dinastia Ch'in Ch'ao Qin (248- 206 A.C.), Macau pertencia ao condado de Panyu, na prefeitura de Nanhai (hoje Guangdong).

Em 1152, na dinastia Song do Sul, o governo de Guangdong uniu as ilhas² para formar o condado de Xiangshan e Macau passou a fazer parte deste. Foi nesta época que se registou oficialmente a presença de habitantes na área, em busca de asilo das invasões mongóis.

Entre 1368-1644, durante a Dinastia Ming, pescadores de Cantão e de Fujian estabeleceram-se em Macau, construíram o famoso Templo de A-Má e várias povoações, como Mong-Há. Pensa-se que o original Templo de Kun Iam, o mais antigo, se localizava precisamente nesta região do norte da Península de Macau.

Em 1535, as autoridades de Guangdong transferiram o departamento de tributação de comércio com o estrangeiro para Macau e autorizaram os navios mercantes estrangeiros a ancorar em Macau, o que deu origem ao desenvolvimento do comércio entre a China e os países ocidentais.

Em 1554, o governo Ming autorizou os portugueses a negociar com a China em Langbai e Haojing, o que facilitou a influência de Portugal em Macau nos quatro séculos seguintes.

Os portugueses estabeleceram-se ilegal e provisoriamente em Macau sob o pretexto de secar a sua carga. Foi em 1555 que os portugueses começaram a frequentar uma pequena península na ilha de Hèng-Sán (Heungshan), hoje Tchông-Sán, no delta do rio das Pérolas. Na ponta meridional dessa península encontram um vistoso templo consagrado à deusa M-Nèong, vulgo A-Má que dava o nome de Amá-Ou ou A'-Má-Kong a essa baía que aportuguesaram para Amacao. Vinte e seis (26) anos depois a povoação era a Cidade de Nome de Deus, atual Ou-Mun com todas "as liberdades, honras e preminências" que gozava então a cidade de Évora³ pois era o único entreposto através do qual os chineses comerciavam com os seus vizinhos japoneses.

Em 1557, as autoridades chinesas deram autorização para os portugueses ali se estabelecerem, concedendo-lhes um certo grau de autogovernação. Em troca, eram obrigados a pagar 500 taéis de prata de aluguer anual e impostos. Desde então, Macau desenvolveu-se como um entreposto e intermediário para o comércio triangular entre a China, o Japão e a Europa. Este comércio lucrativo trouxe enorme prosperidade a Macau, tornando-a numa grande cidade comercial e ajudando-a a atingir o seu auge durante os finais do séc. XVI e o início do séc. XVII. Para além de ser um entreposto comercial, Macau desempenhou também um papel ativo e fulcral na disseminação do Catolicismo, sendo ponto de formação e de partida de missionários para os diferentes países do Extremo Oriente. Por este motivo, o Papa Gregório XIII criou, em 1576, a Diocese de Macau. Os missionários locais desempenharam um papel importante no intercâmbio cultural, científico e artístico entre a China e o Ocidente bem como no desenvolvimento da cultura e da educação de Macau.

Em 1583, foi criado pelos comerciantes de Macau, o Leal Senado, sede e símbolo do poder e do governo local. Este organismo político, considerado como a primeira câmara municipal, foi fundado para proteger o comércio, estabelecer ordem e segurança na cidade e resolver os problemas quotidianos. Apesar de a partir de 1623 Macau passar a ter um Governador português, o Leal Senado, continuou a manter uma grande autonomia até à primeira metade do século XIX e a exercer um papel fundamental na administração da cidade.

1 (em chinês: 澳門; pinyin: Àomén; em cantonês, Ou-Mun)[15]

2 Dos condados de Nanhai, Panyu, Xinhui e Dongguan

3 Macau, Factos e Lendas de Luís Gonzaga Gomes, Tipografia Mandarim, Macau, outubro 1979

Em 1638-1639, o comércio com o Japão foi interrompido, devido à política de isolamento levados a cabo pelo xógum japonês, Tokugawa Iemitsu, o que afetou seriamente a economia local, que entrou rapidamente em declínio. Em 1640, numa tentativa de restabelecer o lucrativo e importante comércio, os portugueses residentes de Macau decidiram enviar uma embaixada ao Japão, mas, além de não conseguirem o que desejavam, toda ela foi executada por ordem do poderoso xógum Tokugawa.

Em 1641, mais um outro acontecimento afetou a economia decadente de Macau: os portugueses perderam Malaca para os holandeses que já tinham conquistado várias possessões, zonas de influência e rotas comerciais portuguesas durante o período de ocupação filipina de Portugal. A perda desta importante cidade e base comercial causou distúrbios e desvios da rota habitual efetuada entre Macau e Goa e a diminuição do fornecimento de produtos comercializáveis com a China.

Em 1644, quando as Coroas de Portugal e de Espanha já estavam de novo separadas, encerrou-se o comércio com Manila e com os espanhóis sediados lá, causando mais problemas económico-financeiros para a Cidade de Macau. Só com o fim da rivalidade luso-espanhola foi o comércio reativado. Numa tentativa de ocupar Macau e a transformar em colónia, Portugal encetou uma série de invasões depois da Guerra do Ópio (1839-1842) mas em 1887, foi subscrito o "Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português".

Quando a China e Portugal estabeleceram relações diplomáticas em 8 de fevereiro de 1979, os dois governos acordaram que Macau era parte integrante da China, embora provisoriamente sob administração portuguesa.

Em abril de 1987, foi assinada, em Pequim, a Declaração Conjunta Sino-Portuguesa, que marcou para 20 de dezembro de 1999 a data em Macau regressou oficialmente à pátria. Com a sua economia em rápido crescimento após a reunificação, tal como o seu símbolo tradicional, uma flor de lótus viçosa, Macau, desenvolve-se rumo à prosperidade e a um futuro brilhante.

Voltemos atrás para recordar que por volta de 1525, nasce um parente de Vasco da Gama, Luís Vaz de Camões⁴, pertencente à pequena nobreza. Nomeado para provedor-mor dos bens de defuntos e ausentes da China, Camões parte para Macau em 1556. Reza a tradição que esteve em Patane, sítio aprazível e pitoresco à beira-mar, chamando-se-lhe, ainda que impropriamente, Gruta de Camões. Conta a lenda que, enquanto ali permaneceu, Camões escreveu, dia após dia, os versos de *Os Lusíadas*. Todavia, a própria gruta parece desmentir a versão da lenda: é extremamente pequena, quase uma fenda na rocha, que era - então - frequentemente salpicada pelas águas das marés mais altas. É improvável que Camões tenha conseguido permanecer nela durante tanto tempo. Esta tradição plurissecular foi acatada e respeitada por todos os historiadores e biógrafos do poeta, havendo apenas divergências acidentais da parte de Teófilo Braga, Lacerda⁵, Juromenha e Wilhelm Storck quanto à data da sua vinda e outras minúcias, ficando, porém, de pé o facto principal, a estada do poeta em Macau, segundo longamente escreveu o Padre Manuel Teixeira⁶ que diz:

"..., mas nos primeiros anos do século passado, em 1907, houve quem pretendesse contestar este facto e relegar a tradição para os domínios da lenda".

Já antes, em 1899, o ilustre orientalista J. F. Marques Pereira, expusera bem fundadas dúvidas sobre a estada de Camões em Macau como Provedor dos defuntos e ausentes. Ora, há aqui duas questões que importa não confundir:

- 1.^a -Esteve Camões em Macau?
- 2.^a -Foi Camões Provedor dos defuntos e ausentes em Macau?

À primeira respondemos afirmativamente com a tradição. À segunda respondemos negativamente com razões históricas. Esteve Camões em Macau? Respondem afirmativamente toda uma plêiade de brilhantes e profundos historiadores dos séculos passados. Começou a negá-lo João Frick em 1907, o qual aventou a hipótese de o poeta ter ido morrer, "com a espada na mão, ao lado do seu rei nos campos d'Alcácer-Quibir." Depois deste, apareceram alguns articulistas a copiar as suas objeções; o mais ilustre defensor da tese negativa foi o Dr. Luiz da Cunha Gonçalves que, no seu livro, diz que Camões não esteve em Macau e ampliou a tese que

4 filho do fidalgo Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá Macedo,

5 João António de Lemos Pereira de Lacerda

6 <http://www.library.gov.mo/macreturn/DATA/PP272/index.htm>

João Frick 8⁷, com o pseudónimo de Gonçalo da Gama, publicara no jornal “Portugal”. João Frick diz que Camões não esteve em Macau porque, à data, Macau não existia, não passando dum covil de piratas; Cunha Gonçalves diz que “entre 1556 a 1559, não havia chinesas cristãs...” A isto respondeu o Dr. Jordão de Freitas em artigo publicado no Portugal, n.º 98, de 2 junho 1907, e reproduzido em O Oriente Portuguez⁸, da seguinte forma:

“Antes de passar adiante, seja-me permitido advertir que Macau (Maquao, Amaquao, Amacau, Amacoao, Amaquã, Amaquan), é nome que à ilha ou península, de que se trata, se dava já em 1555 (se não antes) e não apenas mais tarde, de 1557. Uma das cartas escriptas por Fernão Mendes Pinto, quando fazia parte da Companhia de Jesus, editadas e anotadas em 1902 em Hamburgo pelo dr. Nachod, em face do codice 49-IV-50, fl. 95 a 98, é datada de “Amacao” no mez de novembro de 1555. Nesta carta diz o auctor da Peregrinação: “Mas porque hoje cheguei de Lampacau, que é o porto onde estamos, a este amaquã que é outras seis leguas mais adiante aonde achei ao padre Mestre Belchior que veio aqui de Cantam...” De Macau e do mesmo mez e anno de 1555 são igualmente datadas duas cartas do padre jesuíta Belchior Nunes Barreto; uma dirigida para Roma a Santo Ignacio de Loyola e publicada em Coimbra (em hespanhol) e em Veneza (em italiano) no anno 1565; a outra remetida para Goa aos padres e irmãos da Companhia e de que se conserva copia no codice da Real Bibliotheca da Ajuda 49-IV-49, fl. 236-237, bem como da primeira a fl. 237-241v.”

Concluimos com palavras de Camilo Pessanha em “A Pátria”⁹ (7 de junho de 1924):

“A vitalidade das tradições lendárias, ou quase lendárias, depende essencialmente de dois requisitos. É necessário que o objeto a que se referem se imponha pela sua grandeza à admiração contemplativa de todos os tempos. É igualmente que a própria tradição, nos diversos fatores que a constituem, seja adequada a esse objeto. As tradições pertencem ao folclore, há nelas, preponderante, um elemento estético; e toda a obra de arte precisa, antes de mais nada, de ser bem equilibrada. Quanto à grandeza gigantesca de Camões, e à da assombrosa epopeia marítima que culminou na formação do vasto império português do século XVI, estão acima de qualquer discussão. Resta apenas ponderar se Macau, esta exígua península portuguesa do mar da China ligada ao distrito chinês de Hèong-Sán, tem qualidades que a recomendem para assim andar associada à memória dessa epopeia e à biografia do poeta sublime que a cantou.”

Voltando à lenda: Camões despediu-se da gruta de Patane, que escutara o eco dos seus sonhos e do seu desespero, e apresentou-se ao capitão da Nau de Prata. Interrogado sobre o papel enrolado que levava na mão, Camões respondeu que era toda a sua fortuna, a epopeia Os Lusíadas, que, segundo a lenda, terá sido escrita naquela gruta, com toda a alma e toda a saudade de português, injustamente privado da pátria, seu maior tesouro e único companheiro de infortúnio. Da amurada da nau, Camões ouviu uma voz de mulher que o interrogava sobre a sua tristeza. Era uma nativa de Patane, em quem ele nunca tinha reparado, apesar da sua extrema beleza. Tin-Nam-Men era o seu nome que significava “Porta da Terra do Sul”, a Porta do Paraíso. Ela tinha observado Camões, durante muito tempo, sem nunca se atrever a falar-lhe. Perdidamente apaixonada, tinha-o seguido até ao barco. Partiu com o poeta, e conta a lenda que ali nasceu mais uma relação amorosa na vida romanésca de Luís de Camões. Com a Nau de Prata a afundar-se na foz do rio Mekong, embarcaram as mulheres num batel e os homens salvaram-se a nado. Camões, de braço no ar, segurando Os Lusíadas, nadou até terra, mas o barco onde seguia a linda Tin-Nam-Men foi engolido pelas ondas. Foi à bela Dinamene, como o poeta lhe chamou, que Camões terá dedicado os seus belos sonetos “Alma minha gentil, que te partiste...” e também “Ah! Minha Dinamene! Assi deixaste”.

| | |
|--|--|
| <p><i>ah, minha dinamene assi deixaste quem não deixara nunca de querer-te! ah, ninfa minha, já não posso ver-te, tão asinha esta vida desprezaste!</i></p> <p><i>como já para sempre te apartaste</i></p> | <p><i>alma minha gentil, que te partiste tão cedo desta vida, descontente, repousa lá no céu eternamente e viva eu cá na terra sempre triste.</i></p> <p><i>se lá no assento etéreo, onde subiste,</i></p> |
|--|--|

⁷ No artigo de João Frick, publicado no jornal Portugal, n.º 2 de 1907, reproduzido na revista Oriente Português, vol. IV, abril de 1907, pp. 150-156, há muitas inexactidões

⁸ vol. IV, n.º de julho e agosto de 1907, p. 293-94

⁹ (citado em <http://theprovince.blogspot.com/2010/03/macau-e-gruta-de-camoes-por-camilo.html>)

| | |
|--|--|
| <p><i>de quem tão longe estava de perder-te? puderam estas ondas defender-te que não visses quem tanto magoaste?</i></p> <p><i>nem falar-te somente a dura morte me deixou, que tão cedo o negro manto em teus olhos deitado consentiste!</i></p> <p><i>ó mar! ó céu! ó minha escura sorte! qual pena sentirei, que valha tanto, que ainda tenho por pouco o viver triste?</i></p> | <p><i>memória desta vida se consente, não te esqueças daquele amor ardente que já nos olhos meus tão puro viste.</i></p> <p><i>e se vires que pode merecer-te alguma cousa a dor que me ficou da mágoa, sem remédio, de perder-te,</i></p> <p><i>roga a deus, que teus anos encurtou, que tão cedo de cá me leve a ver-te, quão cedo de meus olhos te levou.</i></p> |
|--|--|

O Rio das Pérolas¹⁰ desagua no Mar da China e banha, de um lado, Hong Kong, do outro, Macau. O próprio nome induz a promessas de riqueza e os encantos de Macau souberam atrair o pintor George Chinnery (1774-1852) que a 29 de setembro de 1825, chegou vindo de Calcutá e ficou em Macau os restantes 27 anos de vida, tornando-se no mais célebre pintor da sua história que ali viveu.

Durante a segunda guerra mundial (1943), o artista russo George Vitalievich Smirnoff (1903-1947) refugiou-se em Macau e o pintor macaense Luís Luciano Demée soube aprender rapidamente com ele. A sua técnica consistia em pinceladas vivas, produzindo aguarelas que descreviam os cenários românticos da cidade bem como o movimentado porto. Muitas outras personagens aqui se radicaram encantadas pelos sortilégios orientais e deixaram um considerável espólio literário como foi o caso de Manuel da Silva Mendes, nativo de Famalicão que chegou em 1901 e morreu em 1931, contemporâneo de Camilo Pessanha, nascido em Coimbra em 1867, residente em Macau a partir de 1894 onde faleceu em 1926. Há ainda um macaense muitas vezes esquecido que é Luís Gonzaga Gomes, falecido em 1976 com 69 anos, autor de inúmeras obras. Também gostaríamos de neste 15º Colóquio render preito a Graciete Batalha (1925-1992), Adé dos Santos Ferreira (1919-1993), Deolinda da Conceição (1914-1957), Henrique Senna-Fernandes (1923-2010) e Rodrigo Leal de Carvalho (1932-¹¹) entre muitos outros.

Como dizia Mallarmé “*No fundo, o mundo é feito para acabar num belo livro*”.

Já Maria Alzira Seixo escreveu: “*a escrita de viagem não pode ser encarada de modo global: há tantas escritas de viagens como sensibilidades históricas, culturais e estilísticas.*” (Seixo, 1998: 135¹²).

A experiência da viagem como deslocação no espaço - e no tempo - sempre esteve intimamente ligada à escrita, e a partir do século XIX nasce o conceito de “Viagem ao Oriente”, espaço mítico, visão encantada de orientes fabulosos e mágicos onde os ocidentais projetam os seus sonhos e fantasmas, etapa essencial da iniciação espiritual, quiçá topográfica e topológica, à moda da velha Grécia com uma apropriação empírica, sensorial e intelectual do lugar. Decorrem tanto no imaginário dos autores como nas pátrias inventadas, países mentais e utopias que visam retratar. O primeiro volume de *Crónicas Açores* pretendia ser uma escrita de viagem, uma revisitação original do mito do Oriente sem ser épica.

98.3. A ÁSIA RECEBEU OS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA NUMA PONTE ENTRE OS AÇORES E MACAU. SESSÃO DE ABERTURA DO 15º COLÓQUIO DA LUSOFONIA, MACAU 12 abril 2011

Como escreveu Eduardo Lourenço

“... os que por nós lá [Macau] foram para sempre e lá ficaram –, há muito que ela era para o Ocidente a porta aberta e misteriosa para uma quietude capaz de nos curar do nosso demoníaco desassossego. Mas foi a nossa chegada

10 (Zhu Jiang, 珠江 pinyin: Zhū Jiāng)

11 bibliografia <http://www.acvl.pt/titulos.php?selecao=aut&id=1847>

12 Seixo, Maria Alzira (1998) - Poéticas da Viagem na Literatura, Lisboa, Edições Cosmos.

que a converteu para os outros em lugar de todos os sonhos e fantasmagorias. Para nós, todas as viagens são viagens...”

Havia já, então, em mim como que uma reencarnação do Dragão oriental, um dos quatro animais sagrados convocados por Pan Ku (o deus criador) para participarem na criação do mundo. É um misto de vários animais místicos: Olhos de tigre, corpo de serpente, patas de águia, chifres de veado, orelhas de boi, bigodes de carpa e etc. Simboliza a sabedoria e o Império, com as suas quatro patas.

Há uma noção que convém reter: nunca nos seus séculos de existência deixou Macau de fascinar e de marcar indelevelmente os que por aqui passaram, como foi também o meu caso entre 1976 e 1982.

Aprendi novas linguagens e culturas enriquecendo esta bagagem que comigo transporto às costas, caixeiro-viajante de sonhos que insisto em tornar realidade.

Assim se explica que este 15º colóquio da lusofonia tenha chegado não numa nau, mas nas asas desse sonho a que chamam Lusofonia, palavra que etimologicamente, significa fala dos lusos.

Nessa definição cabem todos quantos falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade.

Lusófonos são, portanto, todos, quantos, falando a língua de Camões, sentem que algo têm em comum, de idêntico, mas também de diferente de todos os outros que habitualmente falam outra língua e com ela se identificam.

Esta definição de Lusofonia será sempre um diálogo nessa secular língua que todos falam, incluindo o conjunto dos oito países de língua oficial portuguesa e suas correspondentes identidades culturais, bem como todas as Regiões em que a língua portuguesa é também utilizada como língua materna ou de património e abarcando todos os que trabalham como sua própria a língua portuguesa (mesmo que seja língua segunda, terceira, etc.).

Esta Lusofonia teve as suas raízes remotas nos séculos XV e XVI, quando passou a ser a principal língua universal de comunicação internacional entre todos os povos do mundo.

Irmanava povos distintos dos quatro continentes descobertos e tornava possível não só a mercancia como todos os atos entre nações e povos.

Com essa língua se criaram comunidades que ainda mantêm os seus crioulos e a sua identidade herdada pela língua que os unia.

Com essa língua se casaram e nasceram muitos dos que hoje dela descendem.

Os séculos passaram, a influência política desvaneceu-se e os laços religiosos foram irremediavelmente cortados na vasta Comunidade Cristã Crioula da Ásia, mas os crioulos de Português perduram como herança universal.

Isto de Lusofonias e Lusotopias tem muito que se lhe diga.

Falta muitas vezes aos Estados Ocidentais a visão, o amor e a dedicação que só alguns indivíduos conseguem ter pela língua e cultura.

Governos e governantes estão de candeias às avessas para a defesa desses valores, tal qual a população de S. Miguel nos Açores, está sempre de costas para o mar, enquanto outras não vivem sem ele, como no Pico.

Foi com a perceção da herança ancestral da língua que o Instituto Politécnico de Macau, através dos professores James Li (Changsen) e Choi Wai Hao, teve a visão e ambição de nos ajudar a trazer este colóquio até Macau, acedendo a um patrocínio do evento sem o qual jamais seria possível reunirmos aqui este vasto leque de especialistas em várias áreas do conhecimento. Foi graças à sua denodada tenacidade que tivemos em Macau representantes dos quatro continentes da grande nação de lusofalantes. Bem hajam por terem tido a sabedoria, ancestralmente herdada por milénios de civilização chinesa, de reconhecer a força e a capacidade de realização dos Colóquios da Lusofonia e de permitirem aos que aqui vivem, esta partilha imensamente rica da qual esperamos possam frutificar novos e arrojados projetos para anos vindouros.

Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito de criar uma Cidadania da Língua. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilíngue e multicultural das comunidades que a usam.

Em 2010 atravessamos os mares para ir ao Brasil e em 2011, embarcamos na nossa nau para arribar a Macau onde hoje se fala mais Português do que quando aqui vivi entre 1976 e 1982.

Ao contrário de Vasco da Gama os Colóquios da Lusofonia não buscaram o caminho marítimo para as Índias, antes se deslumbram com o que foi feito em Macau nos dez anos de regresso à soberania chinesa.

Ao fim de 15 edições, são a única realização regular, concreta e relevante sobre a LUSOFONIA, com um variado leque de participantes de todo o mundo.

Os Colóquios da Lusofonia na saga dos navegadores só arribaram ao arquipélago dos Açores em 2005 para debaterem a identidade açoriana, sua escrita, lendas e tradições. Em 2008 tiveram a presença do escritor da baleação, o picaroto Dias de Melo (falecido pouco depois) e o micalense Daniel de Sá. Em 2009, foi o prolífico escritor Cristóvão de Aguiar como convidado especial na Lagoa e em Bragança. Para 2010-2011, escolheram Vasco Pereira da Costa, um escritor açoriano que desempenhou durante sete anos, as funções de Diretor Regional da Cultura dos Açores, antes de ser fugazmente substituído pela (então) Ministra da Cultura de Portugal, Dra. Gabriela Canavilhas, presente na abertura do 11º Colóquio. Outros se seguirão.

Nesta porfia por repor os escritores portugueses, de matriz açoriana, no panteão que merecem existem outros para estudar, ler e divulgar.

É para eles, suas obras e memórias, que orientarão as edições futuras dos colóquios, para que sejam lidos e traduzidos como já estão sendo estudados nas Universidades de São Paulo, Brasil, graças às colegas Zélia Borges e Dina Ferreira e em universidades romenas e polacas, graças à colega Rosário Girão. Dispõem os Colóquios de tradutores a trabalhar na sua tradução para posteriormente serem editados naquelas línguas com apoio do Instituto Camões.

Chegaram a novos destinatários através do 1º curso de AÇORIANIDADES E INSULARIDADES da Universidade do Minho, da colega Rosário Girão, que passará a ser ministrado em plataforma e-ensino.

Nos últimos anos, assinaram parcerias com Universidades, Politécnicos e Academias para, com a sua validação científica, completarem projetos como a Dicipédia Contrastiva da Língua Portuguesa e iniciaram o processo de passagem a associação cultural sem fins lucrativos concluído em 1 de janeiro de 2011.

As colegas Helena Chrystello e Rosário Girão ultimaram uma Antologia de Escritores Açorianos Contemporâneos para poderem ser estudados no currículo regional dos Açores.

Há mais de um ano, os Colóquios lançaram na sua página, os Cadernos de Estudos Açorianos, que visam dar a conhecer um pouco da obra dos inúmeros escritores açorianos, vindos das ilhas, onde se bem que haja mais vacas que gente, o clima, vegetação, vulcões e terremotos criaram um número desmedido de escritores. Por isso mantiveram como parceiro indiscutível, um patrocinador institucional desde 2008, a Câmara Municipal da Lagoa, através do seu Presidente Eng.º João Ponte, que infelizmente não pode estar presente em Macau – como previsto - em representação do Governo da Região Autónoma dos Açores.

Os oradores destes colóquios não buscam mais uma conferência, mas compartilham projetos e criam sinergias. Permutam impressões, ideias e metodologias, vivências e pontos de vista, dentro e fora das sessões. Com os colegas, repartem passeios, refeições e despedem-se no último dia como se de amigos se tratasse. É o que torna estes Colóquios distintos de qualquer outro congresso. Irmanados no ideal de "sociedade civil" capaz e atuante, juntos, são capazes de atingir o que a burocracia e a hierarquia não podem ou não querem.

Todos aqui presentes em Macau ajudarão a prestar uma justa homenagem a VASCO PEREIRA DA COSTA, escritor convidado.

Vieram exemplares de algumas das suas obras e persevera-se para que sejam lidos e traduzidos. Os temas escolhidos para este ano de 2011 retratam bem a posição dos Colóquios, como construtores de pontes entre Lusofonias entre as Américas, do Brasil ao Canadá, Açores, África, Europa e a China. Sempre houve açorianos em Macau e foi daqui que o chá partiu para a ilha de São Miguel, onde existem as únicas plantações europeias da planta.

Teremos além das palestras científicas, música, teatro e poesia de Macau, Açores, Galiza e Brasil, graças ao apoio incomensurável e à enorme bondade do Governo da RAEM e do nosso patrocinador, Instituto Politécnico de Macau.

Para além de proporcionar a viagem e estadia, concedeu apoio logístico a esta vasta comitiva, como ainda apoiou a estadia e alimentação dos restantes oradores e seus acompanhantes num gesto magnânimo raramente visto nestes dias em que todos clamam crise para se escusarem a apoios culturais.

A nossa comitiva inclui representantes das três Academias de Língua Portuguesa e colegas dos seguintes países e regiões: Açores, Alemanha, Austrália, Bélgica, Brasil, Bulgária, Canadá, Espanha, EUA, Galiza, Gana, Malaca, Moçambique, Portugal e Rússia.

Normalmente, o oriente veste-se de magia para os ocidentais e Macau acaba por ser mais esotérico ainda nas conceções que dele se fazem fruto de autores inúmeros que dele fizeram a sua base terrena.

Foi com estas premissas em mente que um grupo de cerca de quarenta pessoas partiu de vários pontos do mundo para o 15º colóquio da lusofonia.

Para muitos seria um batismo enorme intercontinental e intercultural, para outros apenas um regresso - mais ou menos adiado - a uma terra que partilharam com sonhos e projetos vários.

A longa viagem começada pelas 12 horas de dia 9 em Ponta Delgada terminaria em Macau dois dias depois, pelas 16.00 horas locais de dia 11 (08.00 PDL) para um grupo de 31 viandantes que se juntaram em Lisboa.

Sem as habituais e sempre inconvenientes perdas de bagagem, fomos recebidos no cais pelos representantes do IPM e transportados ao luxuoso Rio Hotel & Casino Macau onde iríamos ficar durante os dez dias seguintes a escassos metros do IPM.

Na manhã seguinte teve início com toda a pompa e circunstância o 15º colóquio, por entre espetáculos musicais que incluíam danças e cantares portugueses interpretados por jovens chineses, sendo alguns aprendizes de português há uns meros seis meses ou menos.

Seguiu-se um recital do cancionero Açoriano preenchido pelas mágicas mãos da pianista Ana Paula Andrade do Conservatório Regional de Ponta Delgada acompanhada da jovem e promissora soprano Raquel Machado.

Depois das sessões iniciais dedicadas ao AO 1990 e outros temas, houve uma pausa para visionar um documentário sobre o quase extinto patuá de Macau seguida do primeiro banquete, oferecido pelo IPM, com laivos de corte imperial chinesa: 15 pratos e seis entradas, deixando a maior parte dos presentes de olhos e estômagos plenos de imagens e sabores.

Momentos inesquecíveis na memória de muitos e a deixar antever o grau de hospitalidade oriental e seus protocolos rígidos, a que todos automaticamente aderiram.

Nessa noite já todos diziam que iria ser difícil igualar esta recepção e as muitas honrarias que eram conferidas aos 48 participantes.

O segundo dia começou com o calor habitual 24-29 °C e a humidade elevada fazendo crer que a ilha de São Miguel nos Açores era um lugar seco.

Esta manhã era destinada ao roteiro cultural pela Macau antiga organizado pela Rosário Girão, em homenagem a Henrique de Senna Fernandes, e teve o seu início no Jardim Camões onde junto à lendária gruta – num momento de magia inolvidável - se declamou poesia de Macau, Galiza, Brasil, África, Açores, etc. com as vozes de Vasco Pereira da Costa, Chrys, Concha Rousia e Luciano Pereira ao som de fundo do Lian Gong (a ginástica matinal chinesa), mesmo em frente à Gruta.

Depois, foi a visita ao excelente Museu de Macau e seus percursos paralelos entre Portugal e Macau, à reprodução dos modos de vida, das fachadas de casa típicas da construção luso-macaense, seguida de uma obrigatória visita às ruínas da Catedral de São Paulo, esse ex-líbris que o fogo quase consumiu na totalidade há mais de 200 anos.

A visita terminava na Livraria Portuguesa onde se percorreram edições de obras de autores macaenses antes de prosseguir para um banquete português com caldo verde, bolos de bacalhau, entre outras iguarias, oferecido pela Fundação Macau no restaurante Pinnocchio's da Taipa ora remodelado e com três andares em vez do andar térreo que eu lhe conhecia na década de 1970.

As sessões da tarde foram dedicadas a autores macaenses e a África antes de prosseguir com uma sessão especial na Livraria Portuguesa onde os três autores convidados (Vasco Pereira da Costa, Anabela Mimoso e Chrys Chrystello) iriam apresentar os seus novos livros.

A sessão começaria com uma homenagem curta ao seu dono, o jornalista Ricardo Pinto, pela colaboração dada a um programa mítico da rádio TDM em 1980 (o uísque e a cola, de Chrys Chrystello).

Curtas apresentações, mais algumas entrevistas e lá estavam todos deabalada para o Forte de Mong Há onde se situa a Pousada do mesmo nome e onde teria lugar o banquete oferecido pelo Instituto de Formação Turística, sendo os convivas as felizes e satisfeitas cobaias escolhidas para os mil e um deliciosos pratos confeccionados pelos alunos.

A manhã do terceiro dia de sessões foi totalmente dedicada a autores macaenses, interrompida para mais um banquete e, de tarde, seguia-se a sessão plenária dedicada à Literatura e Açorianidade onde se homenageava Vasco Pereira da Costa, com a presença do editor convidado e do autor da diáspora, Eduardo Bettencourt Pinto (Canadá).

Terminada esta sessão foi a comitiva e seu séquito em debandada para o Instituto Internacional de Macau onde se iria celebrar um protocolo dos Colóquios seguido de uma palestra do ex-governador Garcia Leandro e de um banquete ao ar livre de comida macaense típica.

No último dia de manhã houve textos dedicados a Macau e Açores estabelecendo as pontes que este colóquio se destinava a construir entre as insularidades da lusofonia afastadas continentes e oceanos. Ao almoço um banquete oferecido pela Direção dos Serviços de Turismo no luxuoso novo Hotel Lisboa Grand de Stanley Ho.

Logo na sobremesa, era a altura de correr de volta para o IPM e celebrar um Memorando de Entendimento entre os colóquios e o patrocinador deste evento, com a presença de todos os convidados e de cerca de vinte membros da comunicação social, com a habitual troca de presentes e as formalidades protocolares habituais.

Seguiu-se depois a última sessão académica antecedendo as conclusões do colóquio eivadas de agradecimentos e da promessa de regresso a partir de 2012, por entre promessas de lutar contra a extinção dos crioulos locais.

Por fim, o toque mágico de um espetáculo de viagem pelo mundo lusófono, percurso musical com atuações de representantes de várias zonas geográficas da lusofonia, da Índia a África e Ásia, com passagem obrigatória pelos Açores.

Terminava assim de forma sublime e mágica o colóquio deixando lágrimas nalguns dos presentes, desejosos de voltarem uns e outros ansiosos por se fixarem em Macau.

Os três dias seguintes, por conta de cada um, foram dedicados a visitar Zuhai na China, as ilhas da Taipa e Coloane depois de se perderem na voragem consumista de compras de souvenirs da Rua das Mariazinhas e antecedendo o último dia dedicado a explorar à vol d'oiseau essa enorme metrópole que é Hong Kong.

Dos luxos e iguarias não falaremos aqui pois a imagem de profissionalismo e rigor científico foi o que mais marcou este 15º colóquio que o IPM coorganizou.

Começou já a contagem decrescente de 18 meses para o regresso à cidade que foi do Santo Nome de Deus e que, dez anos após o regresso à pátria chinesa, ferve de vida e de progresso.¹³

Parafraseando Cristóvão de Aguiar direi da Língua de todos nós:

Amo-a sem o empecilho da palavra.

Amo-a com os olhos, os ouvidos, as narinas abertas ao cio de seus aromas.

Amo-a com sentidos conhecidos e desconhecidos, a imaginação em fogo.

Amo-a com as vísceras do corpo e da alma. Aprendi a amá-la.

13 NB: O 15º colóquio teve o alto Patrocínio do Instituto Politécnico de Macau (não só à comitiva oficial como aos restantes oradores e seus acompanhantes), bem como os apoios da Câmara Municipal da Lagoa (Açores), Presidência do Governo Regional dos Açores e Direção Regional das Comunidades, bem como dos patrocinadores locais: IIM (Instituto Internacional de Macau), Fundação Macau, Gabinete de Apoio ao Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Direção dos Serviços de Turismo de Macau, Instituto de Formação Turística de Macau, Adeliaçor (Açores). Veja as fotos em <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/1806-2014-11-23-13-49-15.html> e <https://www.lusofonias.net/documentos/aicl-imagens-sons-dos-col%C3%B3quios/698-macau-15o-coloquio-2011-fotos.html>

*O Amor aprende-se, cultiva-se, rega-se.
Necessária uma predisposição íntima onde se alastre essa Ferida Amável, como tão eloquentemente escreveu, em
título de livro, o Poeta Egito Gonçalves.
Os poetas têm sempre razão!"
In Cristóvão de Aguiar (in Nova Relação de Bordo, diário ou nem tanto ou talvez muito mais, Publicações D.
Quixote, 2004)*

É esse amor e o espírito de poeta que nos trouxe e aos nossos convidados até Macau onde vivi seis anos, para o maior colóquio realizado até hoje. Bem hajam por terem apoiado este sonho.

98.4. POESIA

Deixei a poesia de parte ao sair de Macau, em 1982, quiçá por ter secado a veia inspiradora, ou por pensar que era uma arte menor.

O certo é que se passaram muitos anos até botar a pena ao papel e algo poético sair na alva folha que me confrontava.

Fora em Floripa (Florianópolis, Estado de Santa Catarina, Brasil) numa sessão do 13º colóquio da lusofonia, em pleno palco, ao lado do Vasco Pereira da Costa que não resistira, pois, aquele homem não era um poeta, ele instilava e destilava poesia.

*a ilha quilha
que ilha? a ilha
parto num parto precoce
náufrago em terra
açores à vista
as lhas – que ilhas?
nascidas do fogo
enterradas por vulcões
tremidos
 tremuras
 ternuras atlânticas
 atlântidas
ilhas cativas
 no tempo e no espaço
perdidas nas brumas
 no basalto e na lava
piratas
 corsários
 aprisionam poetas
 geram autores
 concebem amores
ritos e crenças
 benzeduras
 contra doenças e maleitas
há momentos
como este
que deviam ficar eternos
parados no tempo
tudo pela ilha
tudo pelas ilhas

Chrys C.,
Saco Grosso, Floripa,
Santa Catarina, Brasil,
7 abril 2010*

A Concha Rousia convencera-me, em outubro de 2010, a associar-me à declamação de poemas do Vasco, o que viria a repetir em ambiente irrepetível na Gruta de Camões em abril 2011. Depois disso já escrevi mais uns poemas como este

ODE AO IPM: A CHINA E A LUSOFONIA

*a cabeça de jade do dragão voltava promessas
nós dançando em volta e cantando
eram portuguesas as palavras
chinesas as faces
íamos falar de lusofonias
aprendemos harmonias
hospitaleiras gentes
fazendo nossa a casa delas
trataram-nos com honrarias
lusófonos dignitários Qing
deram lições de progresso
aprendemos seculares tradições
partilhamos verbos e nomes
humildes aprendizes de feiticeiros
pasmados
deslumbrados
fizemos vénias e sorrimos
cativados
fascinados
prometemos voltar*

Chrys C., 15/4/2011

2. 97

98.5. MACAU SEMPRE RENOVADO

Deixei Macau em 1982 depois de seis anos de permanência numa modorra ocidentalizada, entorpecida pela opiácea sonolência dos que aqui viviam, sem rumo nem guia por parte de uma administração portuguesa inócua, para vir a encontrar a cidade e ilhas pujantes de uma vitalidade assustadora, numa voragem de progresso que se não compadece com o lento reviver de memórias passadas, mas ainda assim as respeita e preserva para delas obter mais-valias e benfeitorias.

A cidade fervilha de gente e de atividade, incapaz de parar e se deleitar com as glórias passadas nesta nova realidade de um país e dois sistemas, preservando muitos dos antigos encantos e acrescentando os traços inelutáveis da modernidade dos seus 28 casinos que são o motor e o combustível de novas quimeras. Aqui, tem-se a sensação de que querer é poder, quer na reconquista de terrenos ao delta do Rio das Pérolas - que já duplicou a área do território -, quer na busca incessante por novas atrações que lhe permitam ser a mais moderna e a mais antiga das cidades na Ásia e a única ainda com respeito pela sua herança arquitetónica ocidental. A hospitalidade e a gentileza das gentes desvaneceram todos, encantando e tornando irrepetível este 15º colóquio da lusofonia, desde os banquetes aos pequenos detalhes e atitudes pensadas numa minúcia que só as mentes orientais conseguem. Nada fora deixado ao improvisado - como é apanágio de portugueses e brasileiros - e tudo funcionou num rigor e pontualidade de fazer corar os britânicos. Em todos, porém, ficou a mágoa da falta de tempo para ver e aprender mais e - estamos certos - muitos vão querer voltar para continuar a lição eterna de aprendizagem que caracteriza a mente oriental. Isto apesar de muitos não se terem acostumado a olhar para o lado correto da estrada, nas passeadeiras onde os peões têm de se precaver do ininterrupto trânsito (aqui guia-se do “outro lado” em relação a Portugal).

Assim como temiam, por vezes, comidas que desconheciam, inacostumados a tentar o que é novo e desconhecido, mais preocupados em dominar a maestria dos pauzinhos do que perder

os pitéus e iguarias que se sucediam em ritmo alucinante qualquer que fosse o local de almoço ou jantar.

Os colóquios da lusofonia sempre primaram pela facilidade com que tornam desconhecidos em amigos e colegas e desta vez Macau não foi exceção, criando-se pontes entre culturas, levando a que ateus visitassem compungidamente templos budistas, taoistas e outros numa busca incessante de respostas a questões fundamentais que os atormentam. Gostava de saber responder à colega jornalista da TDM / RTP / Lusa que me perguntou sobre o turbilhão de emoções que devia andar dentro de mim, mas não pude nem sei. Uma controversa mistura de sensações, cheiros, cores e dores. A emoção descontrolada de voltar aonde se não pensou mais regressar, rever pessoas nunca esquecidas, mas afastadas pela lonjura dos mares, visitar passados e viver presentes sonhando futuros, esta poderia ser a resposta, mas nem eu estou certo de que o seja. Agora, resta cumprir os projetos delineados:

dentro do espírito de construção de pontes da insularidade que caracterizou este 15º colóquio da lusofonia foi decidido convidar – futuramente – tradutores de Macau e da R. P. da China para traduzirem obras de autores portugueses de matriz açoriana para chinês.

apoiar a criação de uma cadeira de estudos de patuá (em local e moldes a definir) e respetiva base de dados sobre o papiám di macau e o papiá kristang de Malaca e apoio às entidades que se dedicam que se dedicam a tal estudo.

garantir desde já a disponibilidade total dos colóquios perante o IIM, a escola portuguesa de macau, o grupo de teatro dóci papiám di macau do Dr Miguel De Senna Fernandes, a APIM presidida pelo Dr. José Manuel Rodrigues, e demais entidades interessadas em estabelecerem em linha uma publicação regular de cadernos de patuá, tal como a AICL fez para os cadernos e suplementos dos cadernos de estudos açorianos.

Igualmente se pretende ao abrigo do recente protocolo com o IIM e do memorando de entendimento com o ipm estudar a possibilidade de – em conjunto com a escola portuguesa de macau – criar uma cadeira de estudos de patuá a ministrar presencialmente e, posteriormente, preparar uma versão desses estudos em plataforma e-learning ou e-ensino.

propor a coedição nos próximos doze meses de uma antologia de autores macaenses contemporâneos, se possível bilingue (pt-ch) com base no pré-estudo feito pela colega Lurdes Escalreira e trabalhos de recolha feitos pelas Colegas Rosário Girão, Anabela Mimoso, Raul Gaião, Maria José Reis Grosso entre outros, buscando para o efeito parcerias locais que apoiem o custo da edição e da distribuição.

propor à tdm (entre outros possíveis parceiros) a realização de um estudo histórico tipo documentário sobre a importância da presença de açorianos em macau (ex. ° d. Jaime Garcia Goulart, D. João Paulino De Azevedo E Castro, D. Arquimínio Da Costa, D. José Da Costa Nunes, D. José Vieira Albernaz, D. Manuel Bernardo Sousa Enes, D. Paulo José Tavares, José Machado Lourenço E Professor Silveira Machado, entre outros.

(Nota: este projeto arrancaria em papel nos colóquios seguintes graças à persistência de Raul Leal Gaião e de Monsenhor Ximenes Belo). Criou-se uma vontade imensa de voltar, viver mais intensamente esse mundo a que chamei meu durante uns anos e depois arqueei no ficheiro perdido das memórias. Recuperar lembranças e criar referências futuras partilhadas com a mulher e filho mais novo. Lastimar as ruínas do velho Hotel Estoril na *Sidonau Pasi* (Av. Sidónio Pais) onde vivi seis meses, os primeiros da minha estada em Macau, apreciar as lagoas artificiais na Praia Grande em frente ao apartamento da CEM onde vivi anos, hoje um mero prédio muito pequeno no meio de enormes arranha-céus. Perder-me na vila de Coloane parada no tempo e nos templos, onde um grupo de jovens chinesas fazia poses em frente à montra da pastelaria onde se anunciavam os (portuguesíssimos) Pastéis de Nata. Não visitei os casinos que desses as memórias são nefastas, mas aproveitaria para visitar todos os prédios ora recuperados, pintados e revitalizados e que os portugueses haviam deixado cair na incúria e no desleixo de ocupantes ingratos da península. Havia de percorrer o circuito da Guia em novo formato e de faces remodeladas lembrando as reportagens que lá fiz e os aceleramentos diários.

Veria as ilhas em busca de lugares perdidos nos tempos e memórias, reencontrar alguns amigos e conhecidos que não se dignaram vir ver-nos e redescobrir a nova Macau que ficará para sempre gravada na memória dos que nos acompanharam.

Foi em 2011 que regressei a Macau após um interregno de quase três décadas. As inúmeras contradições emocionais que me assolaram em 2011, na viagem, estadia e semanas subsequentes foram um turbilhão imenso de sensações e afeções. Raramente escrevi sobre Macau, porque nunca consegui encapsular a célebre cantiga em patuá:

*Macau, nôssa téra
Humildi, di grândi nobréza
Téra pichóti di tanto chiste
Unga fula pa quim ta triste Macau,
nôssa téra
Na mundo nom tem ôtro igual
Casa di paz, di caridadi
Unga casa pa tudu genti Macau,
Santo Nômi qui Diós j'abençoâ Macau,
'nga tesóro dóci qui nôs guardâ
Téra di sonho, di esperança
Téra di bondádi
Ai bonitéza Macau, nôssa téra"*

Nem sentia minha a canção original dos Thunders e de Rigoberto do Rosário (1970):

*Macau, terra minha.
Trazes a lembrança de uma quinta.
És coberta de folhas e flores.
São alegres as suas cores.
Macau, terra de lendas.
Os contos são as suas fazendas.
Os monumentos históricos que tens,
e o ambiente português que manténs
Macau, vivestes sempre longe da sua mãe.
Macau, és a menor da sua família.
És tranquila, e bonita, símbolo da paz, e da beleza.
Macau, terra minha.*

Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, um ponto de passagem e paragem para mais tarde apreciar. Ao contrário de Camões não fui para ali desterrado¹⁴. Não se desterra um inimigo desprotegido e desvalido com uma provedoria, cujo triénio afiançava uma riqueza relativa. Provedor dos Defuntos e Ausentes de Macau, Luís de Camões fruía abundantes recursos para trabalhar com sossego, despreocupado, estudando a história e a geografia asiática nas Décadas de João de Barros, ao passo que cinzelava de primorosos labores a epopeia arquitetada. Apreciava mais os gozos, a magnificência, as comoções do que os pardaus amuados na arca. Disse-o ele: «*Os que se cá lançam a buscar dinheiro, sempre se sustentam sobre água como bexigas...*»¹⁵. Eu não amealhara pardaus nas arcas enquanto ali vivi provendo apenas dos vivos e presentes que dos defuntos e ausentes apenas reza a História. Parti a primeira vez para os orientes exóticos e mágicos de Timor em setembro 1973 e no natal de 1976 repeti a viagem, mas sem ali chegar, ficando-me por Macau. Iria fazer esse percurso mais sessenta vezes ao longo dos anos, sempre atraído por esse íman cultural oriental que tanta alma cristã tem roubado ao ocidente. Quiçá será o magnetismo ferroso das pedras que constituem a enorme Muralha da China, aliado ao exotismo das mulheres e homens, aos costumes tão diferentes e agradáveis, se excetuarem aquela mania de comerem tudo o que seja animal... (se mexe, é comestível, dizia-se).

98.7. MACAU 1977 e GARCIA LEANDRO

14 Luís de Camões, apontamentos biográficos, prefácio da edição do Camões de Garrett com notas de Teófilo Braga

Ao chegar a Macau na época natalícia de 1976 tinha um certo temor relativo ao Governador, (então) major Garcia Leandro que curiosamente no 15º colóquio, em 2011, (como general na reserva) iria partilhar comigo o palco no Instituto Internacional de Macau numa sessão paralela dos Colóquios a fazer uma palestra sobre o mundo atual ... Saibamos porquê o meu temor em 1976, recordando excertos retirados do meu livro Timor-Leste Dossier Secreto 1973-1975:

Maio 1974: - Alguns delegados da Junta de Salvação Portuguesa são esperados em Timor trazendo com eles - espera-se - o cheiro fresco dos cravos encarnados e da revolução de que tantos ouviram, mas ainda não puderam observar. Com eles, chega a desilusão e o desapontamento.

Um, é o Major Garcia Leandro (posteriormente Governador de Macau) conhecido das gentes de Timor, de uma anterior comissão de dois anos em que fora um mero Secretário do Governador (Brigadeiro Valente Pires).

Alguns graves incidentes administrativos e económicos ocorreram sob a sua égide.

Posteriormente, um inquérito oficial foi rapidamente arquivado, sem conclusões, mas um enorme montante [dizem que mil e quinhentos contos] desaparecera ou levara sumiço sem se saber para onde ou como.

A comunidade chinesa, que não esquecera esse incidente, é perentória sobre o não-regresso do Sr. Major Leandro sendo extremamente cooperante com provas documentais sobre os referidos incidentes.

Mais tarde (outubro 1974) alguns jornais de Portugal especulam sobre a possibilidade de o Major Leandro ser um dos principais candidatos à posição de Governador de Timor.

Dado existirem pressões [dos chineses e das notícias veiculadas pelos dois jornalistas em Timor¹⁵], acaba por se contentar com o cargo de Governador de Macau.

Entretanto, em Portugal, o semanário "Expresso" de 25 maio 1974 dedica quase toda a sua primeira página a Timor, sob o título: "TIMOR: situação controversa agora sem vendilhões do tempo..."

De facto, a situação político-militar está confusa em Timor.

Depois da visita dos delegados da Junta (Majores Garcia Leandro e Maia Gonçalves) em vez da verdadeira voz de um governo revolucionário, as pessoas constataam que as velhas formas de esquecimento a que a colónia foi votada no passado se iriam manter.

Há quem anseie por Salles Grade, anterior Chefe de Estado-maior em Timor, até 1973.

Durante a controversa visita dos delegados da Junta, Leandro faz declarações bem ambíguas e nebulosas:

"i) Que o MFA (Movimento das Forças Armadas e espinha dorsal da Junta) sabe perfeitamente bem o que se está a passar em Timor, e não há necessidade para as pessoas em Timor se preocuparem.

ii) Que a permanência do consulado Aldeia está perfeitamente justificada porque as suas atividades são predominantemente administrativas, logo não políticas (sic).

iii) Que o MFA não tolerará mini-revoluções ou mini-movimentos assim como atos tendentes a afastar o Governador e Comandante Militar em Chefe, os quais apenas podem ter origem em grupos minoritários."

Estas declarações obscuras e dúbias levaram muita gente a indagar se tais não eram afinal pontos de vista pessoais e não linhas mestras do MFA.

Apoiada por estas declarações a emissora local apressa-se a proclamar que 'se o governador Aldeia for afastado haverá um banho de sangue devido ao seu conhecimento profundo da população local.'

Criticamente, afirmou, em editorial no jornal local "A Voz de Timor", que o postulado destas premissas está fundamentalmente errado.

Diante de centenas de pessoas reunidas no Ginásio Escolar para escutar as vozes da revolução o, então, Major Leandro proclama que o semanário "Expresso" é sensacionalista e incorreto na sua reportagem sobre Timor.

Ele também promete descobrir, no seu regresso a Lisboa, quem foram os autores das 'notícias alarmistas que obviamente "conspiram contra a paz e tranquilidade na ilha."

Toda a gente sabe que há duas pessoas a escrever para o "Expresso": Cristóvão Santos, Diretor da Imprensa Nacional e este autor.

Ambos fizeram parte das revelações do "Aldeigate" quando o Governador Aldeia chamou traidores aos revoltosos de então, agora no governo.

De facto, uma cópia do discurso de Aldeia fora por eles escamoteada para fora do território utilizando hippies australianos rumo ao Cupão (Kupang).

Outra cópia fora enviada para um intermediário sob nome falso, de forma a não alertar os censores. Quando a PM (Polícia Militar) veio, sem mandatos, fazer buscas a casa dos dois suspeitos não conseguem encontrar as duas cópias em falta, porque estas já iam rumo a Lisboa.

Aquele material queimava como ácido, e não era aconselhável tê-lo ou tocar-lhe.

Este, e outros factos são relevantes para estabelecer os antecedentes daquilo que a seguir se vai passar. A imputação do Governador Aldeia tem o seu início real quando a composição começa a ser impressa e, de imediato retirada pelo seu secretário José Joaquim Espiga Gomes, para encobrir a existência do seu discurso.

Um último detalhe da sessão no Ginásio, Leandro mandara sair algumas pessoas por terem cartazes 'contra o governo marcelista ainda no poder em Timor'.

Muita gente não conseguia entender esta democracia guiada, pois centenas de pessoas haviam passado pelos cartazes, respeitando-os, quer concordando ou não com os mesmos.

O representante da Junta e do Governo Provisório no poder em Portugal não pudera nem quisera respeitar aqueles cartazes.

*Depois de Leandro e Maia Gonçalves saírem do território ficou um certo vazio.
Mesmo antes de sair, Garcia Leandro valida a mensagem da emissora sobre o banho de sangue que se verificaria se a população ficasse sem o governador Aldeia.
De facto, esta não era a forma adequada de começar a descolonizar a mais distante e esquecida colónia do Império Português que ora se desmoronava.”*

O medo de eu encontrar em Macau o “meu quase futuro” Governador (de Timor) Garcia Leandro ficaria adiado quase um ano. Apenas ocorreria tal encontro em 1977 quando no Colégio Santa Rosa de Lima, fui apresentar um programa de Jazz japonês a transmitir pela TDM/ERM. Estava, calmamente à porta a fumar um cigarro quando entra o governador Garcia Leandro que diz “*ah ...nós já nos conhecemos de Timor, não é?*”. Sinceramente pensei que na manhã seguinte me iriam buscar, sem malas feitas, e escoltar até ao aeroporto de Kai Tak, em Hong Kong, como era costume fazer então aos indesejados. Apresentei o excepcional programa de jazz e fui para casa, lutando contra a insónia, pensando que não iria completar um ano de estadia em Macau. Foram infundados tais receios e acabei por ficar seis anos e conhecer outros governadores (Melo Egídio 79-81 e Almeida e Costa 81-86). A minha relação com o governador Leandro foi pacífica e nada havia a apontar. Certamente, só eu me lembrava do episódio e o mesmo nada significava para Garcia Leandro, predestinado como estava a voos mais altos, que os políticos nunca guardam memória destes pequenos desaires.

98.8. MACAU PORQUÊ?

Mas a pergunta que um leitor atento possa vir a fazer é como é que eu fui para Macau? O ano de 1975 fora um verdadeiro ANNO HORRIBILIS. As ténues memórias que dele guardo, prefiro que fiquem para sempre enterradas nesse enorme baú que é a bruma dos tempos. O meu companheiro de armas, o João Fernando Queiroz de Vasconcelos [Celinhos], emprestara-me quando vim de Timor, um descapotável Auto Union (AUDI) SP 1000 de motor rotativo Wankel (igual ao da imagem, mas em cinzento prateado). Além deste, fui buscar à garagem do sogro um Skoda 1000 MB que servia para todos os putos da família aprenderem a conduzir. Arranjei-o, artilhei-o, tirei-lhe os para-choques e ficou com melhor aspeto, ou seja, condizia melhor comigo, jovem economista, ambicioso, desempregado, sem posses e longos cabelos lavados duas vezes ao dia.



O aspeto condizia com o do carro, jovem economista, ambicioso, desempregado, sem posses e longos cabelos lavados duas vezes ao dia. Quem iria empregar uma imitação bem-falante de Jesus Cristo?

Com aquele aspeto apenas uma fábrica de botões, gerida por comunistas, algures para os lados do Palácio do Freixo (Porto), me ofereceu emprego, mas propunham retirar 70% do vencimento para o Partido. Não aceitei. Ia continuar sem clube nem partido. Faria disso uma promessa cumprida até hoje. Simpatizante clubista sim, mas sócio não. Dediquei-me ao fotojornalismo com um amigo, Pedro Ricca, a fazer fotos de crianças colunáveis do jetset portuense. Ganhávamos uns tostões nisto e em explicações sobre o marxismo a uma recém-entrada na universidade.

Tinha tudo programado para regressar a Díli [Timor] após uns dois ou três meses de descanso e férias em Portugal. Lá deixara mobília, casa (o apartamento na SOTA), moto, etc.

Descobri no início da guerra civil timorense de agosto 1975 que o regresso a Timor estava comprometido, já não poderia ir nos aviões da FAP¹⁶.

Não bastava suplicar para me deixarem regressar. Nem o meu pai nem o meu padrinho (então ainda administrador do Banco Totta e Açores) me emprestavam dinheiro (creio que eram apenas 20 contos [Esc. 20000\$00=100 euros] pois tinham a certeza de que uma vez partido jamais regressaria.

Então vieram os indonésios a 7 de dezembro e soube que nunca mais poderia voltar, pelo que decidi tentar regressar a Bali. Entrementes, escrevi à namorada australiana de Byron Bay, em Bali, a pedir paciência. Ninguém me dava a hipótese de trabalhar em Portugal apesar de ter escrito centenas de cartas de candidatura e de ter ido a dezenas de entrevistas.

Depois de tudo tentar e já em desespero de causa resolvi apelar ao major Carlos Carrilho, meu ex-chefe militar, Chefe dos Serviços de Intendência Militar em Timor, para ver se tinha conhecimento de alguma hipótese de trabalho remunerado. Felizmente para mim ele acabara de ser nomeado Administrador da Companhia de Eletricidade de Macau e precisava de um Economista para gerir o setor administrativo, pessoal, armazenamento e transportes da nova central termoelétrica em Coloane. As condições eram boas para um jovem de 26 anos: cinco mil e quinhentas patacas ao mês iniciais (limpas, isentas de impostos), cama sem mesa nem roupa lavada. Direito a casa mobilada, todas as despesas médicas pagas, carro da companhia, energia elétrica (a mais cara do mundo) totalmente paga, três meses de férias em qualquer parte do mundo de dois em dois anos. Cortei o cabelo, comprei uns fatos novos e aceitei. Depois de duas idas a Lisboa onde me avistei com os administradores da CEM, Eng.º Martins Dias e major Carlos Carrilho, assinei contrato, após o típico bife, durante uma sobremesa, em plena Cervejaria Portugália na Av. Almirante Reis, em outubro desse ano. Partida marcada para o Natal 1976. Fiz um mês de estágio na Central Térmica do Carregado onde aprendi todas as formalidades burocráticas de uma Central Termoelétrica.

Continuei a escrever longas missivas para a Austrália e Bali onde estava aquela com quem fantasiei (durante anos) que iria viver o resto da vida.

Quando depois falava da minha estadia no nirvana, perdão Bali, reconstruía sempre mentalmente esse período e juntava as poucas fotos de que dispunha para melhor ilustrar a época, da qual falava trinta anos mais tarde como se tivesse ocorrido na véspera.

“Quando vivia na Indonésia, em Bali” e depois perorava sobre o tempo que lá vivera onde a melhor água era a do mar a uns cem passos da sua cabana de colmo. Era uma palhoça com cobertura de colmo, base e teto de madeira e paredes de bambu, aí duns 30 metros quadrados. Havia janelas de bambu a toda a volta, e umas traves fortes no teto a segurar a cobertura de colmo. Ao acordar, era levantar e ir dar um mergulho naquelas águas quentes, sem preocupações, sem amanhã, nem ontem. Cá fora havia as instalações sanitárias que até eram ocidentais, ao contrário do que acontecera na sua casa anterior e no “losmen” onde também vivera¹⁷.

*E isso contrastava, felizmente para mim, com as do primeiro " losmen " em que tínhamos apenas um buraco no chão, com duas pegadas grandes onde era suposto colocar os pés e depois agachar. Para se lavarem havia uma espécie de tanque da roupa, com um balde que tinham de encher e depois despejar por cima de cada um quando já estavam ensaboados. Havia um pequeno espelho para aqueles que ainda faziam a barba, uma atividade rara nos idos de 1973-1975. A princípio aquilo fazia uma certa impressão, mas vivera em Timor quase dois anos sem banhos quentes, e raramente tendo acesso à luz elétrica. Esta vida era ainda mais primitiva e mais simples. Fora aqui que comprara o seu primeiro par de "jeans" (ganga ou bombazina chamam-lhe os portugueses) e umas sandálias à Jesus Cristo, enquanto o cabelo e a barba cresciam. (descrição mais detalhada na **crónica n.º 10/2006** de janeiro 2006)*

À data de ir trabalhar para Macau, já deixara há muito de viver com a mãe dos meus filhos gémeos e regressara a casa dos meus pais. Chegado o Natal, despedira-me dos gémeos e da restante família e partira. Era o único feliz com a partida, os restantes estavam tristes e sombrios. Imaginei agora em 2011 como seria bom reviver essa alegria e partir agora, de novo, para Macau. Enfim, estava de volta ao Oriente exótico que me enfeitiçara. O destino não era Bali,

¹⁶ Força Aérea Portuguesa, aviões militares

¹⁷ ver Crónica 10, 19 janeiro 2006. Dos açores a Bali vai o voo dum milhafre

Austrália ou Timor, era Macau que se localizava bem perto de qualquer um daqueles destinos, e que bem poderiam estar ao meu alcance a curto prazo, logo que tivesse direito a férias, com o vencimento que iria auferir. Um verdadeiro tiro no escuro dourado pelo avultado salário que iria fazer esquecer ano e meio de vida miserabilista numa existência marital atribulada a que acrescera a vida dos filhos gémeos, sem que o nascimento deles me viesse a impedir de realizar o sonho de sair do país a todo o custo. Não podia voltar a Timor (então ocupado ilegalmente pela Indonésia) e ainda não tinha autorização para emigrar para a Austrália, pois teria de resolver o problema da dissolução do casamento primeiro e só depois de casar com a australiana poderia ir.... Sabia que tudo se iria resolver, as expetativas eram altas e a solução fora sempre partir de Portugal desde o dia em que infelizmente decidi voltar em junho 1975. Considerava esse interregno o preço a pagar pela libertação dum casamento falhado desde o início.

Ali estava pronto a partir para esse célebre porto da Rota da Seda em pleno delta do Rio das Pérolas e com o toque mediterrânico que a presença portuguesa ali implantara. À chegada tinha um funcionário da CEM (Companhia de Eletricidade de Macau) (ainda me lembrava do nome dele, Sr. Cruz dos serviços administrativos) à sua espera e dum colega futuro, Eng.º Saltão, Helena e Filomena (mulher e filha) que também haviam chegado nesse dia a Hong Kong. Ficamos instalados no Hotel Estoril na Avenida Sidónio Pais.

Como era meu direito, tinha requisitado uma casa grande como se toda a família se viesse a reunir comigo, o que nunca deve ter passado pela cabeça de ninguém.

Logo na primeira semana fomos homenageados com um jantar de 15 pratos oferecido pela administração da CEM, com Ho Hin (deputado em Pequim e o verdadeiro poder em Macau), Roque Choi e outros dois administradores portugueses da companhia. Ali me debatera pois não sabia comer com os pauzinhos. Em Timor comia imensa comida chinesa, em restaurantes chamados A-100 ou A-200 ou noutros locais, mas sempre com talheres, nunca experimentara os pauzinhos... Roque Choi iria chamar-me à parte e dizer-me como poderia aprender a usar os fai chi. Quando dominar os pauzinhos numa ervilha saberá usá-los bem.... Assim fiz e aprendi. Ainda hoje uso esse exemplo para ensinar os que os não sabiam utilizar.

Eram poucos os lusitanos nessa época em Macau. Na CEM estavam já um Norberto Tavares da Silva, mulher e dois filhos, um João Jacques Valente e mulher, Mário Saltão e mulher, Luís Quintela e mulher, João Lima e mais um ou outro engenheiro ou engenheiro-técnico, que naquela época ainda se discriminavam uns dos outros e o José Carvalho Sócrates Pinto de Sousa não nascera para os igualar. Acabariamos por totalizar 80 tecnocratas ao fim de um ano e pouco. Fomos os primeiros numa nova leva colonial. Éramos mal recebidos e mal vistos pelos macaenses. Salários exorbitantes, casas pagas e demais regalias. Os locais tinham salários de fome e condições de vida inferiores.

Como residentes, havia apenas meia dúzia de portugueses, normalmente acompanhantes de cada governo e de cada governador, mais as famílias locais macaenses, seculares descendentes de portugueses, e um ou outro soldado, polícia ou militar que se perdera após a tropa. Estas famílias tinham normalmente sangue português, chinês, malaio ou goês mesclado desde há séculos em proporções variáveis e muitas falavam entre si um crioulo local, o patuá ou Dóci Papiaçám di Macau. As suas feições eram variadas, das mais ocidentais às mais orientais, das mais claras às de tez mais escura de origem malaia. Uns andavam nos colégios chineses, outros no liceu ou nos colégios de língua inglesa. Eram quase todos políglotas em busca de uma identidade. Maltratados pelos chineses que não gostavam das meias castas e tratados abaixo de cão pelos portugueses que os julgavam inferiores, desconhecendo ou menosprezando a sua herança cultural e genética. O resto da população de cerca de 300 mil almas era constituído por chineses.

Uns anos depois a nossa presença como novos colonizadores seria totalmente apagada pelas condições milionárias firmadas por novos abanadores da árvore das patacas. Chegaram no início da década de (19)80, mais de 2 mil portugueses (posteriormente seriam dez mil), para diminuírem aquando da entrega de Macau à República Popular da China em 1999.

Os nomes das ruas estavam escritos em português, mas ninguém falava a língua. Como já a atrás se disse, a avenida onde residi chamava-se Sidónio Pais, mas se não dissesse sidonau páci (transcrição fonética literal) nenhum condutor de táxi me levaria lá.

Essas primeiras semanas de adaptação, nesta fase, temporária e geograficamente solteiro, foram marcadas por um encontro que viria marcar o futuro e daria lugar a mais um casamento no notário. Conheceu na recepção do Hotel Estoril uma jovem macaense muito atraente, com quem trocara as primeiras palavras “A menina fala português?” ao que ela respondera, “claro que sim, sou portuguesa...”

Comecei a degustar a comida local bem diferente da comida chinesa mais picante a que me habituara em Timor. Apreciei também, que nisto fui sempre uma pessoa aberta, novas culturas, novas línguas, novas experiências. A adaptação inicial foi fácil. O pior foi que, para ocupar os tempos livres e em busca de novas sensações, me tornara assíduo cliente do Casino Lisboa, do magnata Stanley Ho. Rapidamente perdi quatro meses de vencimento. Acabava de trabalhar na CEM, metia-me na carrinha de sete lugares, minha viatura oficial nos primeiros tempos e lá estava no Blackjack com os companheiros Tavares da Silva, Valente, Lima e Saltão. Ao fim de algum tempo a meter vales de adiantamento de vencimentos resolvemos pedir ao Saltão, que era o menos jogador de todos nós, que servisse para rebentar com a banca. Assim, consegui recuperar rapidamente numa semana, o que perdera em meses. Comprei uma aparelhagem para substituir a de Timor (que tinha vendido em Díli em 1974 para fazer a viagem de deserção para a Austrália). Quando cheguei ao hotel Estoril trazia um combo da Philips com toca-discos, toca cassetes e rádio mais um televisor da mesma marca. Jurei nunca mais entrar num casino para jogar, promessa até hoje cumprida, passados mais de trinta anos.

O principal casino era o Lisboa, na altura o maior e mais importante casino do Oriente, pertença de Stanley Ho que o criara em 1962 (o seu monopólio duraria até 2002) com os seus sócios Teddy Yip (cunhado, marido da irmã Susie), Yip Hon e Henry Fok.

Os casinos eram diferentes dos europeus, os chineses, os tancareiros e as tancareiras, entravam descalços, maltrapilhos e apostavam fortunas que eu nunca ganharia em toda a sua vida.

Como eles amealhavam tais fortunas escapava ao seu raciocínio, mesmo admitindo que negociassem em drogas, tráfico de pessoas ou mero contrabando para a China.

Nos cantos dos salões de jogo havia escarradores, frequentemente utilizados por entre o nevoeiro de fumo e de cheiros intensos que caracterizavam o Casino Lisboa naquela era. Nunca se sabia se era dia ou noite, a menos que se saísse do Casino. Pessoas havia que nunca sabiam em que dia da semana, do mês ou do ano estavam. Havia mesmo quem lá vivesse enquanto havia dinheiro para pagar os quartos do hotel. Era uma fauna diferente de tudo o que vira antes nos casinos europeus. O que mais impressionava era a falta de charme e de glamour associada aos casinos em Portugal na década de 1970. Havia toda uma fauna diferente de agiotas a prostitutas e meros viciados no jogo. Nunca me esqueceria de - no meu primeiro ano novo chinês em 1997 - ver uma tancareira¹⁸ maltrapilha e descalça, entrar e sentar-se numa mesa de boule ou bacará (ou seria nos mais tradicionais e tipicamente jogos chineses do Fan Tan? Ou antes no Sic bo (骰寶), vulgarmente chamado dai siu (大小), grande ou pequeno ou hi-lo). Trazia com ela um molhe de fichas equivalente a muitas vidas inteiras de salários minhas. Ali ficaria até os perder e regressaria à sua embarcação para labutar mais um ano. Não sairia mais cabisbaixa do que quando entrara. A resignação fazia parte do jogo tal como a alegria quando se venciam aos dados, aos botões ou à bola da roleta. Não se viam funcionários públicos nos casinos, já que esses estavam estatutariamente proibidos de lá entrar, exceto nos feriados públicos. Todos os executivos da CEM eram considerados privados, embora pertencessem ao governo de Macau, antes de a CEM ser anexada pela EDP. Os funcionários

18 Mulher que tripula o tancá."tancareira", Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha] <http://www.priberam.pt/dlpo/tancareira> [consultado em 07-01-2016].

menores eram equiparados a públicos e só podiam entrar no Casino durante a loucura dos 3 dias do ano novo lunar. Os mais sortudos ficavam, dia após dia, até se esgotarem os fundos. Entravam decididos a tentar a sorte e só saíam quando ela se esgotava. Comiam, bebiam e jogavam até acabarem as fichas. Era um espetáculo mórbido nesses dias em que decuplicava a habitual frequência dos casinos e mal se conseguia uma mesa num dos bares para se tomar um café. Pessoas que raramente se viam ou se encontravam, estavam ali durante a loucura dos três dias do ano novo chinês. Nas ruas havia apenas o movimento apropriado ao lançamento de panchões e danças de dragão inerentes às festividades.

Continuei a manter regularmente a correspondência com a australiana, com quem vivi em Bali em 1975, onde continuava a trabalhar no negócio de impressão de roupa batik, com um primo e prima.

Depois de uma ida à Austrália veio para Macau em março de 1977. Ali ficou até ao fim do verão em idílio remoçado. Aluguei um quarto para ela no Hotel a fim de não haver problemas éticos em relação ao quarto que a CEM me pagava e acelerei o processo da moradia mobilada a que tinha direito e que viria a ser concedida, pouco depois, a umas centenas de metros do Hotel, no nº 5 A da Avenida Coronel Mesquita no edifício Jade Garden.

Tinha três quartos, pois legalmente era casado e tinha dois filhos. A vida no Hotel Estoril estava prestes a findar com todas as vantagens de discricção sem vizinhos chuchumecos, com o bônus de fazerem a cama lavada todos os dias, limparem o quarto, tratarem da roupa e proporcionarem a amizade tailandesa e filipina das massagistas que ali operavam. Estava concluída a fase de adaptação a Macau.

Comprei logo no começo do ano o M-61-63, o primeiro carro a ficar oficialmente registado em meu nome. Tratava-se de um Fiat 128 3-P Coupé-S, 1100 cc, todo artilhado, cabeça rebaixada e com uma potência surpreendente que me iria servir durante um ano e meio ou dois.



Estive quase a inscrever-me no Grande Prémio de Macau dadas as suas (do carro) capacidades desportivas. Mais tarde, este potente carro viria a ser lentamente assassinado com quilos de sal no depósito de gasolina, quando as seitas resolveram adicioná-lo à gasolina, em vingança por ter cortado um dos esquemas de extorsão a candidatos a funcionários. O trabalho era difícil não só por ser a segunda vez que punha os meus conhecimentos de Economia e Gestão a funcionar (a primeira fora nos Serviços de Intendência em Timor e que tarefa inglória essa fora!) mas porque a CEM era uma enorme companhia de 750 empregados, falida e desorganizada. Tinha sido recentemente comprada aos ingleses e mudara o nome de MELCO¹⁹

19 (Macao Electric Light Company)

para o mais português de CEM (Companhia de Eletricidade de Macau), mas os hábitos e as tradições de trabalho mantiveram-se.

O meu esforço do primeiro ano começava a dar resultados práticos e logo que a Central Coloane nos fosse entregue no ano seguinte, no regime de chave na mão, estávamos prontos para tomar conta dela e geri-la. Descobri, como vimos atrás, um esquema de corrupção na admissão de pessoal menor (serventes, condutores, auxiliares, etc.) segundo o qual os aspirantes a uma vaga pagavam antecipadamente um ano de vencimento a fim de poderem entrar. Como resultado, passara eu a fazer essas admissões pois aquela descentralização de tarefas dera tão mau resultado. Uns dias depois de o esquema estar montado surgiram as retaliações. O carro apareceu primeiro com os pneus furados, depois meteram-lhe sal no motor, o que obrigou a que fosse o motor desmontado e lavado, peça a peça. Um dos suspeitos e alegados responsáveis pelo esquema de corrupção era meu subordinado como Chefe de Armazém (um simpático e prestável senhor A'Heng), nascido em Moçambique, de etnia chinesa, veio ter comigo e dizer que conhecia pessoal duma seita de Macau (a mais conhecida era a sap sei kei ou 14 quilates) que podia descobrir quem estava por detrás daquilo e proteger de futuros eventos]. Agradei, mas não aceitei. Depois de algumas repetições da sabotagem à viatura particular e à de serviço, como não dispunha de garagem por esses dias passei a dispor de proteção policial todas as noites. Mal sabiam os meliantes, ao praticarem atos de vandalismo na minha viatura própria ou na de serviço (aqui a norma eram os quatro pneus furados) que a CEM se responsabilizava pela sua total reparação e indemnização...o prejuízo era para o erário público. Mais uma vez venci as adversidades sem me dar por vencido.

Como muito bem disse John Stuart Mill (1806-1873) num livro “Sobre a Liberdade” em que defende a liberdade de discussão e expressão com argumentos importantes, “*existe uma banalidade epistémica: somos todos falíveis*”. Eu só o descobriria muito tempo mais tarde, já bem entrado nos meus quarenta anos, pois que até então sempre me sentira infalível na metodologia calculista de pesar sempre os prós e contras, antes de tomar qualquer decisão. Isto nunca me impedira de, como agora, não tomar decisão nenhuma e serem os outros os culpados por me forçarem a adotar e aceitar a decisão que outros tinham tomado. Eu fazia assim uma arqueologia do meu pensar e decidir, que, por vezes, desenterrava esqueletos corroídos pelo meu penar. Ou como François La Rochefoucauld disse “*a gratidão da maioria dos homens não passa de um desejo secreto de receber mais favores.*”

Tinha, obviamente, problemas de consciência relativamente aos meus filhos gémeos e não me arriscava a iniciar um processo litigioso. A mulher e mãe das crianças, continuava a recusar falar de divórcio. O impasse mantinha-se há mais de um ano. Ela recusava tentar refazer a vida e ir viver para Macau com os gémeos. A jovem macaense rececionista do Hotel Estoril, entretanto, fora admitida para telefonista da CEM em Coloane durante o período de férias escolares (terminara o sétimo ano do liceu). Um dia saíra com ela para jantar, foram à praia de Cheok-Van sob a sombra imponente da então Pousada de Coloane, ver o luar e céu estrelado. A minha desonestidade, infidelidade e a cedência fácil à luxúria e ao prazer egoísta e hedonista caracterizavam a minha mente insegura.

Não só neste período, mas durante grande parte da minha vida adulta. Adúltera? Essa mesma jovem, entretantes, despedira-se porque as férias estavam a chegar ao fim. Não se despediu de mim. Continuou fazendo de mim a sua ocupação de tempos livres interrompendo o namoro com o Luís Lobo, filho do gerente do Hotel no Casino Lisboa. Em finais de setembro 77 aparece, inesperadamente, a minha mulher com um dos gémeos. O outro ficara em Portugal. Ainda tentei que a macaense ficasse baby-sitter do filho, mas a marosca foi descoberta quando fui passar o dia a Hong Kong com ela e fui visto pelos colegas da CEM que prontamente me vieram chibar. Trouxera um bolo de Hong Kong que ninguém comeria pois levei com ele na cara mal meti a chave na porta pela meia-noite de 5 de outubro de 1977.

O cinema ia continuar. Este filme não era uma comédia. A mulher, apesar do inferno que se tornara a vida sob um mesmo teto, ficaria desde finais de setembro 1977 até março 1978. O abismo repetiu-se nesses meses. A vida era um autêntico filme de terror silenciosamente observado pelo jovem gémeo Rudy com menos de dois anos de idade. O outro ficara em Portugal e disse se haveria de queixar durante toda a vida, por ter sido injustamente discriminado. Ela chegara mesmo ao ponto de tentar invalidar o meu contrato de trabalho por infidelidade. Fora uma tentativa desesperada, deveras curiosa, em especial se considerarmos o meio ambiente local e as regras e costumes de Macau... A jovem macaense emigrara, com a família, pois já tinha um irmão e a irmã mais velha na Austrália Ocidental. Isto vinha facilitar a vida na fase final em Macau com a mãe dos gémeos, sempre marcada por discussões diárias, agressões verbais (e não-verbais), chantagens e ameaças diversas. Quando partiu de volta a Portugal, onde estava o outro filho gémeo, eu ficara cheio de remorsos por ver o filho partir, até quando nem eu sabia.

As sociedades orientais e, em especial a macaense, aceitaram durante séculos que os homens tivessem as suas concubinas, numa tradição secular cheia de normas e etiquetas, mas sem que as primeiras damas vulgarmente designadas como “tai tai” alguma vez levantassem um pio que fosse ou fizessem escândalo. “Tai Tai” significa literalmente MULHER SUPREMA, A NÚMERO UM, definindo normalmente a mulher casada que não trabalha, mas

essa definição tradicional de mulher mais importante entre as mulheres, perdeu hoje parte do seu significado. Hoje em dia, uma “*Tai Tai*” seria a definição apropriada para senhoras que vão a almoços, dispendo de imenso tempo para chuchumecar (focar) sendo casadas com homens ricos enquanto elas adoram fazer compras (ganhavam a medalha de ouro nas olimpíadas das compras, se existissem) e ir a spas. Claro que apenas usam diamantes com as obras genuínas da Prada, Louis Vuitton, Chanel e Gucci de logótipo bem à vista... educacionalmente tiram cursos de origami ou de culinária com os melhores chefes. Esse negócio das concubinas era o segredo mais mal guardado numa cidade pequena onde o vício, e tudo o mais andam sempre de mãos dadas. Raros eram os chineses (ou mesmo macaenses) da classe média e alta, que não tivessem vidas paralelas, perfeitamente estabelecidas e aceites pela comunidade, em geral, e pela família, em particular. Hoje parece não ser tão vulgar, mas então ainda era sinónimo de riqueza e de prosperidade.

O marido da “Tia” Graciete Batalha (nonagenário em 2011), então um conceituado médico local e tio da jovem macaense) era disso um exemplo com os seus dois filhos da enfermeira que lhe tratava do seu consultório junto à Sé. A famosa escritora especializada em patuá deveria ser a única pessoa em Macau que não sabia ou então adotara a chinesa posição dos três macacos, absorva como estava sempre nas aulas e nos seus estudos. Todos sabiam menos ela. Nem se deu conta dos problemas que o jovem filho do marido tivera com uma das seitas, que foi atrás dele quando estava a estudar no Canadá e o obrigara a voltar a Macau para trabalhar para eles até ao fim dos seus dias.

Isto de seitas por aqui embora não sendo tão mortíferas como a Yakuza japonesa também não deixam os seus créditos por mãos alheias. Consta que depois da transição de soberania para a China estão mais ordeiras e controladas, mas continuam a ser seitas. Longe, porém, vão os tempos da sua formação inicial de benemerência como resistentes aos invasores mongóis. Aliás a página do governo de Macau explicava a sua formação nestes termos:

A palavra "seita" nem sempre teve as conotações negativas que hoje em dia lhe são atribuídas.

Noutros tempos, tratava-se de um substantivo que designava da forma mais neutra possível um facto social e religioso muito divulgado nos tempos antigos.

A sua etimologia é disso prova, já que a palavra vem do verbo setor, intensivo de sequor, "seguir", "acompanhar".

As seitas participavam em pleno na vida religiosa desses tempos de que, de facto, constituíam a mais importante realidade.

Este fenómeno sectário foi uma realidade que esteve sempre presente.

No sul, mais concretamente na cidade de Cantão, um grupo de simpatizantes do imperador Ming (1644) e das suas políticas sociais e económicas, com o propósito de derrubar a dinastia sucessora - Qing (1644-1911) - reunia-se secretamente, num edifício com o número de polícia 14-K.

Os seus objetivos eram essencialmente políticos.

Os seus fins, a essência que esteve na base da sua criação, nem sempre foram corretamente interpretados.

Uma vez mal compreendidos, foi fácil a alguns, aproveitarem-se do nome da "associação" e da memória daqueles que por motivos honrosos lutaram, transformarem uma determinada organização político-revolucionária numa sociedade secreta.

Ainda hoje, a "seita 14 Quilates" é uma das legalmente consideradas secretas (artigo 3º., alínea a) do Decreto-Lei Nº. 1/78/M, de 4 de fevereiro), a par com a "Wo On Lock", aliás "Soi Fong" ou "Gasosa", ou com a "Wo Seng I", aliás "Seng I" e com a "Iau Lun".

Contudo, apesar de a sua denominação se ter mantido ao longo dos séculos, os fins que orientam a sua atividade são, nos dias de hoje, completamente distintos daqueles a que se propuseram os seus fundadores ao criarem a "sociedade secreta".

O Professor Doutor Jorge de Figueiredo Dias no seu livro "As Associações Criminosas No Código Penal Português de 1982" (pp. 52-53) identifica este problema da desvirtualização dos fins da "sociedade-mãe". Diz:

" Os membros serão todos aqueles que aderem e põem em prática os objetivos que a sociedade visou alcançar. Não basta a entrada formal - com a entrega de um envelope vermelho (lai-si) contendo MOP \$3,60 - para podermos imediatamente concluir que um determinado sujeito, com a dita ação, passou a ser um membro da associação. É necessário que se conforme com os fins da "sociedade secreta", que pratique atos materiais ou psicológicos subsumíveis na atividade da sociedade-criminosa e que seja reconhecido pelos outros membros como fazendo parte daquela organização."

O meu amigo Nick Griffin, jornalista da TV de Hong Kong, entretinha-se por esses dias, morbidamente apaixonado pela francesa Françoise, da companhia de dançarinas do Crazy Horse como forma de se tentar ressarcir do facto de a Gillian, mulher dele, o ter trocado por um comandante da Polícia de Hong Kong.

Nisso éramos os dois irmãos na desgraça e amores fanados. As francesas e dançarinas de outras nacionalidades que então escandalizavam Macau, sob a supervisão do Guy Lesquoy (em 2011 era diretor de entretenimento do Casino Venetian), eram nossa companhia habitual para as ceias depois dos programas da rádio, que terminavam pela meia-noite. Eram igualmente uma forma de desferrujar o meu francês, língua que ninguém pensaria ouvir em Macau. Mais tarde, iria convidá-las para a minha boda.... Eram umas amigas como outras quaisquer que nestas coisas de amizades nunca eu discriminara pela política, sexo ou profissão. Deixemo-nos de falsos puritanismos, muitas destas amigas, fossem elas as francesas, as tailandesas ou as filipinas tinham valores morais e familiares bem mais elevados do que muitos daqueles que se benziam por tudo e por nada e iam à missa. Lembro-me de que cerca de 90% do que as filipinas ganhavam era reenviado para casa para sustentarem os pais que viviam em abjeta miséria. Todas tinham uma noção profunda de respeito pelos pais e avós, pelos maridos e filhos e acreditavam piamente na inviolabilidade do casamento. Eu não me aproveitava delas nem tampouco as queria salvar dos miasmas corrompidos da sua profissão. Sabia que era uma fase transitória finda a qual iriam regressar a suas terras e levar uma vida normal. Recordo ainda, que jamais se esqueciam da data de anos e sempre me presenteavam naquela data. Uma coisa era a profissão (que envolvia sexo, mas podia envolver qualquer outra coisa) e outra era a amizade, mas a sociedade puritana de Macau – à semelhança da de Portugal – dificilmente me perdoava estas amizades.

Enquanto isto, muitos dos que me criticavam, levavam vidas bem mais sórdidas e devassadas, mas mantinham a hipócrita fachada que sempre caracterizou a fingida sociedade portuguesa. Esses, quando iam às mensagens faziam-no às escondidas e compravam vídeos pornográficos, mas criticavam-me por ser amistoso com elas. Era fácil ver quem eram os meus verdadeiros amigos.

3.

98.9. NATAL 1978: O FAROESTE AUSTRALIANO

A minha mulher antes de partir escrevera para a australiana a dizer que tudo era mentira e o casal vivia em pura felicidade...e, graças a isso, eu nunca mais saberia dela que, infelizmente, acreditara no embuste. Assim perdi um grande amor da minha vida sem jamais me perdoar por ter deixado que isso tivesse acontecido.

Foi um capítulo da vida que ficou inacabado, quase como aquelas almas que vagueiam pela terra sem encontrarem a luz ao fundo do túnel, buscando a paz de que necessitam para passar para o lado de lá. Era assim que imaginava esse capítulo incompleto.

Mais tarde, muitos anos depois, já na Austrália tentei, sem sucesso, localizá-la e escrevi para as antigas moradas, sem nunca obter resposta.

Muitas vezes pensei nela nos inúmeros dias infelizes que passei na Austrália. Mas o túnel nunca tinha fim e jamais se alumiou para que pudesse pedir desculpa pela mentira da minha ex-mulher que nos impediria de ser felizes como tínhamos sido nas vezes que vivemos juntos em Bali, Jacarta e em Macau.

Quando o Natal (1978) se aproximou, demonstrei a minha total instabilidade emocional e o caos mental por que a minha tola cabeça atravessava e contactei a NF, AP e AW para ver se alguma delas me abrigava e albergava nesse Natal e a única a responder foi a AP. Fui a Perth e fiquei a viver com ela e a irmã em Cottesloe, um excelente subúrbio de praia na Austrália Ocidental que ainda não visitara. Lá, noutro subúrbio mais afastado, estavam os pais com três irmãs que ainda não conhecia. Ali se tinham fixado desde a saída de Macau. Fora em Perth, que viria experimentar a temperatura de 43 °C num belo dia em que o MGB-GT descapotável da sua futura cunhada mais velha (divorciada dum casamento que durara anos com um primo direito macaense), se recusara a andar mais numa subida dum parque de automóveis. Todo o trânsito parara à espera de que o MG arrefecesse.

Dia 24 de dezembro tive de ir a uma Missa do Galo, em inglês, para impressionar aqueles que seriam os meus futuros sogros. Era muito tarde quando regressamos para uma ceia tipicamente macaense, mas onde eram notórias as semelhanças gastronómicas portuguesas. Nos dias seguintes com o seu futuro cunhado, Charles Clifford, então namorado (depois marido) da irmã mais velha dela, começou a deliciar-se com as águas quentes a bordo do iate Breakaway ao largo da ilha de Rottneest. Dias de pesca, sol e mar... Aquilo sim era uma boa vida. Estava firmemente decidido a cumprir a sua nova promessa de fazer daquela a sua terra, pátria adotiva, já que Timor estava a ferro e fogo. Já antes o decidira quando ali estivera em 1974.

Fruto destes rápidos desenvolvimentos na arena amorosa, acabei por não ir a Portugal ao casamento da minha irmã que ia, finalmente, dar o nó com o Gil, que não era o Gil Grissom como o da série CSI, antes pelo contrário.

A incessante, desordenada, busca da felicidade e as tentativas desordenadas de ser feliz eram as minhas únicas preocupações naqueles dias.

No fim de janeiro convenci a jovem macaense a voltar comigo, pois o avô paterno acabara de morrer na ausência dela, de seus pais e demais familiares emigrados na Austrália. Esse avô fora o último Cônsul Português em Cantão (Guangzhou) durante a 2ª Grande Guerra. Ofereci-lhe um bilhete de ida e volta, para o caso de querer regressar à Austrália.

Depois de estarem em Macau, quer os pais dela, quer um irmão mais velho, emigrado na Austrália desde os 15 anos, queriam à força que ela regressasse aos estudos na Austrália. Ali iniciara um curso de Graphic Design no ano anterior.

Tentei, novamente, abordar a mulher com a qual ainda me encontrava legalmente casado para que me concedesse o divórcio. Quando soube que, desta vez, eu queria mesmo o divórcio, e não parecia ter já pruridos em relação aos filhos gémeos, depois de tantos meses e anos de hesitações, ficou ainda mais furiosa.

Os traumas de guerra e do SMO que tanto me haviam afetado e haveriam de marcar a minha vida toda, sem nunca sararem ou desaparecerem, impeliavam-me.

Agora, mais do que nunca, ia tentar refazer a minha vida. Ia recomeçar.

Tentar ser feliz, ter uma família e uma estabilidade que compensassem as carências e os desgostos que a destruição do meu modus vivendi tivera devido à tropa.

Enquanto esperava que os advogados tratassem do assunto, vivi com a jovem macaense, quase dez anos mais nova, cheia de vitalidade. Não pretendi, porém, que o divórcio me retirasse os "direitos paternais".

Acabaria por ter de interpor um processo litigioso, depois de tantas tentativas de acordo paternal se gorarem. Como sempre acreditava na igualdade de direitos e deveres, entre os sexos e no casamento.

O divórcio iria marcar-me, por muitas décadas, e afetar definitivamente as hipóteses de um relacionamento saudável com os meus filhos.

Macau está assim intimamente ligado a vários eventos amorosos e outros que viriam a condicionar o meu amadurecimento como pessoa e a adiar projetos pessoais e sonhos ainda por inventar. Talvez por essa razão me tivesse quase esquecido – durante décadas – que ali estive seis anos. Aquela terra estava indelevelmente ligada a momentos bem difíceis da minha vida e se bem que houvesse outros bem mais felizes, o que me vinha à memória eram as adversidades pessoais e emocionais que ali passara.

98.10. MACAU FOI UM COMEÇO, UM TRAMPOLIM PARA A AUSTRÁLIA

Esse ano foi realmente excitante apesar de eu ter enveredado por um caminho dúbio. Queria gozar a vida como se não houvesse amanhã.

Um hedonista perfeito em perfeito levante exótico.

As amigas massagistas chinesas, tailandesas, filipinas e outras, como as meninas do Crazy Horse, faziam-me acreditar que a vida era para ser levada a sério na total fruição dos prazeres sem espiritualidades a empecilharem o rumo.

A propósito recordo ainda o dia em que os mórmones me tocaram à porta e eu fumava, bebia e tinha aberta - em cima da mesa de café - uma revista da Playboy....

Nunca mais voltaram a bater à porta. Ainda me lembrava da cara que eles fizeram, enquanto mentalmente se benziam e rezavam pela minha salvação.

Outra fase interessante na minha longa aprendizagem de vida, sem descurar todas as vertentes do conhecimento, foi quando, durante alguns meses, me amiguei com os Meninos de Deus e as suas numerosas famílias polígamas cheias de crianças louras.

De acordo com a definição atual na Wikipédia,

Os Meninos de Deus, depois conhecidos como Família do Amor, a Família, e agora a Família Internacional (FI), é um movimento religioso, amplamente referido como uma seita, que teve início em 1968 em Huntington Beach, Califórnia, Estados Unidos.

Foi uma dissidência do Jesus Movement do final dos anos 1960, com muitos dos seus primeiros convertidos saídos do movimento hippie.

Esteve entre os movimentos que inflamaram a controvérsia das seitas nos anos 1970 e 1980 nos EUA e na Europa e provocaram o primeiro movimento antisseita (FREECOG).

Cedo, porém, constatei tratar-se de uma seita que promovia a promiscuidade sexual em nome de Deus, como parece ser verdade em vários locais do mundo a acreditar nos registos que hoje se podem ler na internet. Afinal, não precisava daquela religião para encontrar o prazer polígamo. A própria organização secular chinesa, aceite pelos locais e tolerada pelos macaenses parecia facilitar o meu paradigma de vida, sabe-se lá se inspirado em Camilo Pessanha...

Excessos de regras orientais. Tão prazenteiras para um espírito ocidental. No entanto, tantos estragos fizeram em grandes figuras como Camilo Pessanha (Coimbra, 1867 - Macau, 1926) que se mudou para Macau em 1894 e, durante três anos, foi professor de Filosofia Elementar no Liceu de Macau, sendo nomeado em 1900 conservador do registo predial e depois juiz de

comarca. Entre 1894 e 1915 voltou a Portugal algumas vezes, para tratamento, tendo, numa delas sido apresentado a Fernando Pessoa que era, como Mário de Sá-Carneiro, grande apreciador da sua poesia. Poeta expoente máximo do Simbolismo, Pessanha era um opiómano.

O texto que adiante se transcreve é de Alberto Osório de Castro, provavelmente escrito em 1916, para sensibilizar os responsáveis pelo Museu das Janelas Verdes, demonstrando-lhes a importância da coleção que Pessanha oferecera ao Estado português em 1915, e o relevo do intelectual que fazia a oferta. O episódio da doação da sua coleção longamente acumulada foi motivo de grande desgosto para Pessanha. Foi feito em julho de 1915, quando o poeta expôs as melhores peças do seu acervo particular no Palácio do Governo. Em meados do ano seguinte, a coleção nem sequer havia chegado a Lisboa; e, quando chegou, não foi aceita pelo Museu das Janelas Verdes, que, no ano seguinte, formalizou a recusa. Após algum período de incerteza as peças foram enviadas ao Museu Machado de Castro, em Coimbra, onde ficaram, exceto por breve período, sepultadas no depósito, fora do alcance do público:

«Como essas fotografias avivam em mim a esta hora de inverno português, entristecida de lufadas e névoa, a lembrança dos resplandecentes dias abafados de espera de tufão, vividos em companhia de Camilo, em agosto de 1911, na linda e melancólica, risonha e estranha terra de Macau, à maravilha católica e china, china sobre tudo, já agora, cheia de repiques finos à missa, de discretos biocos de confessadas, de silenciosos deslizos de milhares de Celestes, atravancando as ruas cada dia mais, invadindo as praças e rossios, coalhando as airoas lorchas do porto, gente atarefada e calada, reservada e de nós distante, aparentemente impassível, mas em cuja massa se sente a força profunda da maré que avança, e vai avassalar o velho empório europeu de veniaga nas Costas da China.

Pobre e linda Macau dos séculos XVI e XVII, como és ainda curiosamente portuguesa à moda desses séculos, sob a taciturna invasão china que te envolve e, todavia, te dá ainda um aspeto de vida!

E contudo, ó arcaica Macau, desde que Fernão Mendes Pinto andou de aventura no Império do Meio, assistindo aos primeiros avanços da potência tártara, que de memoráveis coisas se não deram nessa China imensa que só na aparência é milenariamente imóvel: abalada para o sul dos exércitos tártaros da Manchúria, queda da dinastia chinesa dos Ming, sangrento, como nenhum outro, triunfo da dinastia Manchu dos Ta-Tsing, dois séculos de terrível agitação das associações secretas chinesas contra o vencedor tártaro, indo, poucos meses após a minha passagem em Macau, até à abdicação do último imperador Ta-Tsing e à proclamação duma república à europeia ou americana, como compasso de espera da passagem da sombra de um novo Dragão imperial...

Tanta coisa a dizer sobre a China e a sua arte!»

Como é compreensível a busca hedonista deste autor quando comparada com digressões semelhantes. Leia-se o que Silvano Santiago escrevia em 19 fevereiro 2011 sobre Pessanha, em O Estado de S. Paulo:

E se o poeta entender que a viagem à distante Ásia não tem como interesse maior a exploração geográfica de outro canto do planeta ou o conhecimento dos muitos povos exóticos?

E se ela se lhe apresentar antes como estrada real para o exílio na península de Macau e condição sine qua non para a exploração sentimental e amorosa do potencial de vida cortado rente à raiz pela foice da Lusitânia natal?

E se a língua chinesa, aprendida pelo poeta e por ele adotada no quotidiano, lhe servir para neutralizar o poder imposto pela dicção poética lusitana, inspirada na tradição greco-latina?

A viagem a Macau será, então, porto de desembarque.

No espaço do exílio, o poeta estica o elástico da coerência íntima e secreta, experimenta a liberdade absoluta e inventa a própria e original dicção poética.

Longe da pátria, o poeta se vê estimulado a avançar com proveito e prazer a vida sentimental e amorosa que, a latejar no obscuro do desejo, deve ser a sua, é a sua, legitimamente.

Poemas do exílio podem não ser poemas do lá.

No país onde o poeta nasce e onde deveria viver até a morte, lá, ele não pode levar a cabo a vida que julga plena para si. Lá, não está sua pátria; lá, sua pátria não é.

Já o biógrafo António Dias Miguel observa que a vida alucinada de Camilo Pessanha no exílio serviu para que aprofundasse, pela repetição em diferença, traços abusivos já existentes no comportamento europeu. Em aguda percepção, esclarece-nos que o uso do ópio "*corresponde não a um vício adquirido [em Macau], mas à sublimação, ou melhor, à transparência de outros que já em Portugal o caracterizavam, como o hábito de beber e o completar-se através de uma vida nova toda artificial*". Sob a luz do país perdido, a "lânguida e inerme" alma do poeta se recheia e transparece completamente. Ela passa a "deslizar sem ruído" e a "no chão sumir-se,

como faz um verme". O ópio suplementa o álcool, propiciando a plena realização "de uma vida nova toda artificial". Sobre esse tópico e a contrapartida no quotidiano como "spleen", há que buscar o seu artífice na poesia ocidental, Charles Baudelaire (As Flores do Mal, 1857). É sem dúvida digno de menção também, neste contexto, «O rio de Cantão» (1889) de Wenceslau de Moraes que começa por uma panorâmica da «varanda deliciosa do Canton Hotel» e onde descreve uma visita aos barcos-flores ou “tancás-flores”:

«[...] Quando desceu a noite, a população, embalada pela lenta ondulação do Chu-kiang, adormeceu; bruxuleavam os faróis içados nos topos dos mastros das lorchas; defrontando com o hotel, surgiam iluminações festivas, eram os tancás-flores, donde irrompiam os primeiros acordes de uma música estranha.

Aluguei então uma sampana, e mandei remar para os tancás-flores [...] sobre cada barco eleva-se um espaçoso recinto, um verdadeiro salão, que os lumes de dezenas de candelabros iluminam em jorros de luz branca. [...].

Elas, envoltas nas longas cabaias de seda, ora branca, ora lilás, ora cor-de-rosa, ora esmeralda, os cabelos entrançados em enfeites de oiro e grinaldas de jasmim, cintilantes de joias como ídolos, têm um encanto de beleza exótica que muito se casa com a estranheza do espetáculo...»

Já Pessanha o exprimia em «Ao longe os barcos de flores». Por todo o poema se encontram disseminados símbolos convencionais verdadeiramente chineses, núcleos de onde irradia uma série de imagens, poeticamente aproveitadas por Pessanha: hu-a (flor) é o termo que designa eufemisticamente a cortesã, a prostituta e também o bordel. Uma virgem pode ser uma “flor amarela”, huáng hua, enquanto yan hua designa «la fille de joie», para além de poder ser a expressão para «animado, animação e fogo-de-artifício». Significativamente, o componente semântico yan pode querer dizer não só «fumo, vapor ou tabaco, mas também ópio». Este poema de Pessanha é um texto dominado sabiamente pela ambiguidade, e o campo semântico do símbolo ou imagem convencional dos ‘barcos de flores’ leva a que no som da flauta se ouça o lamento feminino de uma yan-hua contrastando com a animação orgiaca do fogo-de-artifício.

*Ao longe os barcos de flores
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila,
– Perdida voz que de entre as mais se exila,
Festões de som, dissimulando a hora.
Na orgia, ao longe, que em clarões cintila
E os lábios, branca, do carmim desflora...
Só, incessante, um som de flauta chora,
Viúva, grácil, na escuridão tranquila.
E a orquestra? E os beijos? Tudo a noite, fora,
Cauta, detém. Só modulada trila
A flauta flebil.... Quem há de remi-la?
Quem sabe a dor que sem razão deplora?
Só, incessante, um som de flauta chora...*

Essa flauta chorou durante anos na alma conturbada deste vosso escriba, que nunca visitou uma tancá-flores, pois já todas estavam em terra firme naqueles tempos. Mas ainda ouvi a flauta, a orquestra e o som dessas orgias na escuridão entrecortada pelo fogo-de-artifício e pelo estrelejar dos panchões... A errância de um povo e de seus poetas, um povo e uma poesia para quem a pátria tinha sido, muitas vezes, «um lugar de exílio» e para quem a viagem e a emigração foram quase sempre, como escreveu o poeta, professor, embaixador e amigo, José Augusto Seabra, a «outra pátria» senão mesmo uma pátria.

Eu fora afinal para Macau, não para o exílio nem para a exploração, mas para sobreviver já que o país de origem não me dava condições nem emprego. Foi lá que escrevi poesia enquanto também experimentava “a mesma liberdade e se via estimulado a avançar com proveito e prazer a vida sentimental e amorosa...” Macau nunca seria, porém, e assim vo-lo reitero em capítulo anterior:

«Macau nunca fora terra minha, estava a caminho da Austrália, era apenas um ponto de passagem e paragem, para mais tarde apreciar.»

Como Manuel Alegre escreveu «Todos os poetas, são como Dante, exilados...» mas nem todos em Florença. A poesia está no mar, abriu as portas do Oriente, e eu - queira ou não admiti-lo - sou um exilado de mim mesmo, do país de origem, das minhas próprias origens, do meu tempo, do meu destino incumprido, da espiritualidade da minha juventude, dos sonhos que me não deixaram consumir. Ali começa verdadeiramente a minha diáspora. É, pois, em Macau e não em Timor, para onde fui, fruto dos imponderáveis de um SMO²⁰, que essa verdadeira viagem de circum-navegação tem o seu início fixado. Não porque me mandassem, não porque acontecesse, mas porque porfiara para que assim fosse.

Sempre disse que fui para Macau para estar perto de Timor, mas esta verdade era parcial pois a Austrália há muito me conquistara sem enleios orientais. Quase uma inverdade, pois que a Austrália era a fronteira imensa, o continente vasto sem horizontes onde o futuro se perdia de vista, ali mesmo onde o meu país de origem ainda me parecia mais tacanho e pequeno do que a pequena península de Macau. Não foram precisos muitos meses - nem anos - para eu me aperceber que perdi a minha virgindade intelectual e cultural ao ir para Macau. Estava permanentemente refém do Oriente e dos seus sortilégios. Não me apercebi então, mas agora, ao voltar quase trinta anos depois, havia-o sentido de forma inelutável. Tentei passar uma toalha sobre esses seis anos lá passados como se não tivessem existido ou como se fossem de somenos importância, mas sabia que não era assim. Subitamente apetecia-me voltar, não para gerir a central de Coloane que mal vi por entre a neblina no dia de partida. Apetecia-me voltar para ajudar a sonhar com a construção de uma lusofonia falada por todos - especialmente pelos chineses - sem barreiras, nem passaportes. Afinal, a magia do Oriente não era feita de mezinhas que as meninas chinesas davam aos ocidentais antes de adormecerem, nem tampouco da eventual utilização de opiáceos, havia algo de mais intenso e profundo. Quem sabe se não seria o apelo de noções confucianas que colocavam alguma arrumação na mente desordenada dos ocidentais

No entanto, aquilo que eu melhor recordava dos meus seis anos em Macau eram os programas de rádio, um momento inolvidável da minha vida, ao ponto de quando ali regresssei em 2011 prontamente desafiar o Ricardo Pinto a reviver esses programas. Com efeito, estava marcada uma sessão de lançamento de livros na Livraria Portuguesa e seria o reencontro com o Ricardo após trinta anos. Trocados os abraços e as frivolidades habituais iniciara a sessão com um excerto de um minuto do programa “O Uísque a Cola” de 17 de dezembro de 1980 apresentado pelo Ricardo, a quem entreguei a gravação dos 60 minutos do programa em CD...

Iria recuperar as restantes cópias em cassete e converter todas em CD para ouvirem, deleitarem-se e, mais tarde, fazerem um programa comemorativo.

98.11. OS TRÊS CÍRCULOS

A vida em Macau era naquela época, um cadinho de povos e culturas, exemplo de miscigenação e liberdade num Oriente exótico, sedutor, mas problemático e poderia resumir-se a três círculos excêntricos que se tocavam no infinito. Desses, o médio interior era constituído pelos macaenses, uma força sem identidade nacional, com membros bem arreigados à sua herança cultural lusófona falando e lendo fluentemente a língua de Camões, enquanto outros eram mais cosmopolitas e falavam chinês e inglês, e outro segmento vivia nas bordas linguísticas do cantonense. Leal de Carvalho escreve, entre outras coisas, ser uma cidade que no

*“... passado recente abrigou russos brancos, chineses, indonésios, vietnamitas, filipinos e até portugueses perseguidos pelos credores ou por mulheres ciumentas.
E alguns, poucos, pelas ideias políticas.*

20 SMO serviço militar obrigatório do exército colonial português até 1974.

Um porto de abrigo para gente de mundos vários que aqui vieram parar por desvairadas razões: espírito de aventura e ambição pelo lucro fácil, refúgio às convulsões político-sociais da região e à loucura de uma guerra que lançara o mundo em fogo, evasão a problemas sociais ou familiares ou inútil fuga aos demónios próprios de cada um».²¹

A construção desta identidade fora «instalada, desde sempre, na educação das classes superiores da sociedade macaense, como processo de autonomização à imensa mole demográfica circundante que, pela simples força dos números, os ameaçava submergir»²².

Leal de Carvalho fala ainda do convívio inter-racial que tinha reflexos na moral e nos valores da comunidade:

«A moral social local, quer da comunidade macaense quer ainda mais da chinesa, consentia essa liberal sofisticação de costumes, manifestação viva da interpenetração dos valores culturais da região...também fruto da emigração de lindas mulheres, que confundiam os olhares dos latinos, sobretudo as de Xangai.

Assim, alguns dos costumes orientais eram bem sedutores para os machos lusos, que lamentavam apenas o facto de as «sucessivas Administrações Portuguesas não terem sabido aproveitar a lição de quatrocentos anos de contacto com a milenária cultura chinesa, mais antiga, mais sábia, mais realista, que admitia, na harmoniosa estrutura familiar e sob o austero império da Primeira Esposa, um número indeterminado de concubinas e até “bichas”, solução muito cómoda e prática», diz o autor com não disfarçada ironia.²³

Depois, havia um círculo ainda menor, mas exterior, constituído pelos portugueses. Primeiramente, e durante séculos, esse grupo era exclusivamente constituído por aqueles que iam e vinham com cada equipa governamental a que se acrescentava, aqui e ali, o elemento desgarrado que fora para a tropa ou para a polícia e por lá ficara, constituindo família e deixando-se miscigenar e assimilar pelos costumes locais. Havia adstritos a estes os estrangeiros que se deixaram encantar por Macau, aprendendo as línguas e costumes locais e acabando por se deixaram integrar na família lusófona, como é amplamente descrito na obra literária do atrás citado juiz açoriano Rodrigo Leal de Carvalho que ali viveu 40 anos entre 1959 e 1999.

Em princípio da década de 1980 chegara de Portugal a marabunta desesperada por abanar a árvore das patacas e dela retirar todos os milhões possíveis com casos encencados como o do faxe, do governador Melancia e de tantos outros que se haveriam de locupletar até 1999 do mais que puderam em proveito próprio. Sem resultados visíveis para o progresso de Macau e das suas gentes, ao contrário do que se tem passado nestes últimos dez anos de governação soberana chinesa. Chegariam a atingir a cifra de dez mil almas todas em busca da pataca milagreira de futuros e presentes.

Por último havia sempre um enorme círculo, exterior a tudo, mas com motor próprio na economia do território que era constituído pelos chineses. Eram liderados por uma pequena elite dirigente, dependente de Pequim aonde viajavam frequentemente a fim de receberem instruções e contarem os desvarios do delegado português encarregue nominalmente de governar. Decidiam como e porquê, onde e quando, e davam a entender ao governo português a sua insatisfação quando a administração lusitana exorbitava ou tinha uma “ideia brilhante” sem os consultar previamente. Eram eles quem, realmente, sempre mandaram no território e determinavam como os seus súbditos se comportariam já que representavam mais de 96 por cento da população. Esta clique que se arvorava a pretensão de gerir a “Cidade do Santo Nome de Deus de Macau, Não Há Outra Mais Leal” ocultava tendenciosamente o facto de serem os descendentes dos mandarins chineses quem, após a Revolução Cultural, determinava o que se podia ou não fazer em Macau. Voltemos aos aspetos culturais de Macau. Convirá não esquecer que para as comunidades chinesas, a mulher nativa que namorasse um kwai-lo estava apenas um escalão acima da mera prostituta. Mesmo que viessem a casar com um branco ficava sempre o estigma de que havia algo de errado com elas.

21 Leal de Carvalho, Requiem para Irina Ostrakoff p. 5

22 Leal de Carvalho, Ao Serviço de Sua Majestade, p. 377

23 Leal de Carvalho in Os construtores do Império, p. 137

Aparentemente, os pais da jovem podem nem sequer chegar a expressar a sua insatisfação, mas esse conceito é prevalecente no meio social e é refletido na própria linguagem, a todos os níveis desta.

A família chinesa ainda é - tradicionalmente - dominada pelo macho e altamente hierarquizada.

A mulher que se case com o kwai-lo bem como o respetivo marido serão sempre considerados abaixo da escala social a que pertencem e da estima que os seus parentes lhes possam granjear.

De um ponto de vista meramente técnico, ela deixou de pertencer à família e passou a pertencer à família dele, perdendo os laços consanguíneos da sua família chinesa.

O mesmo sucederá com os filhos que não farão parte do tecido social e cultural da família chinesa de onde descendem.

No caso de uma mulher casada com um marido que não é chinês, além de ser considerada como estando apenas um degrau acima do nível da prostituta, de facto, ela nem sequer é considerada como se se tivesse juntado a uma outra família, a do marido.

Para os chineses, os brancos não têm laços de família, além de que se divorciam por dá cá aquela palha, pelo que a filha da família chinesa ainda é um risco maior agora do que quando ainda vivia em casa.

Não nos esqueçamos que, para começar, a mulher tem menos valor na sociedade chinesa do que o homem e daí todos quererem ter um filho e não uma filha, no continente chinês onde se mantém a regra do filho único²⁴.

Se a sogra chinesa tratar o genro como um ser humano isso só provará a sua amabilidade pois evitará mostrar ao estúpido estrangeiro quanta raiva lhe vai na alma por ter casado com a filha.

Obviamente que se, ocasionalmente, o incluírem em alguma festividade ou celebração familiar será um privilégio que lhe concedem, tal como dar boleia a todos os que precisarem, mesmo que os não conheça ou não os entenda...também a sogra chinesa jamais entenderá por que lhe foi calhar a ela a má sorte, tão injusta de ter um branco para genro.

O campo matrimonial na família chinesa é da mais alta responsabilidade e deve ser deixado ao mais alto critério dos pais, sendo conhecidos casos de filhos que foram totalmente deserdados por não casarem ou namorarem as escolhidas pelos pais.

Essa falta de obediência será uma culpa a acarretar pelos filhos que os tornará responsáveis por sabe-se lá quantas mortes ocorram na família nesse período, pelos problemas de saúde dos pais e outros parentes.

Este tipo de sociedade e de normas familiares repercute-se nos países de destino das famílias chinesas emigradas e representa apenas uma arreigada preservação das normas rurais das suas zonas tradicionais de origem.

Nesses países de acolhimento (como vi na Austrália) falam Toishanês 台山話; 臺山話 em vez de Cantonense pois Toisaan [Toishan/Taishan]²⁵ é o lar e a Austrália apenas um país estrangeiro que os circunda.

Lembrava-me a esse respeito de que mesmo que lesse e falasse cantonês fluentemente - o que nunca foi o meu caso - jamais seria considerado por eles como “um dos nossos”, pelo que sempre me limitei a ver de fora para dentro a enorme sociedade chinesa que me rodeava, tentando não fazer juízos de valor antes se limitando a aprender e a apreender o máximo que lhe fosse possível. Nunca namorara - formal ou informalmente - uma chinesa e sabia de antemão que tal me estaria vedado ab initio. Nem todas estas características permearam ou se impuseram como norma nas famílias macaenses. A título de curiosidade posso confirmar que se telefonasse para uma jovem, cujos pais eu não conhecesse, seria normalmente submetido ao mesmo interrogatório de uma mãe tipicamente chinesa:

“quem sou?

Como conheci a filha dela?

De onde era a minha família?

Se era casado?

Se os meus pais eram proprietários ou se trabalhavam?

Qual a profissão do meu pai?

O que estudava se andava a estudar ou em que trabalhava se andava a trabalhar?

Porque é que tinha a ousadia de lhe telefonar para casa...

E por aí adiante, num chorrilho de perguntas que mal me deixaria tempo para dar qualquer resposta, previamente desnecessárias, sabendo-se antecipadamente que quaisquer que fossem tais respostas nunca seriam satisfatórias porque eu seria sempre um *kwai-lo*. É neste imbróglio de interesses divergentes e de agendas separadas que ali aterro em 1976 sem saber nada além

²⁴ Esta lei do filho único (e para os chineses preferencialmente varão) foi mantida até novembro de 2015 data em que passou a ser permitido terem dois filhos.

²⁵ Trata-se de uma cidade no Delta do Rio das Pérolas, perto de Macau. Pertence a Jiangmen (140 km a oeste de Hong Kong), faz parte de um arquipélago de 95 ilhas incluindo a maior de Guangdong, Shangchuan Island (S. João)

de escassos ensinamentos sobre a ancestral cultura clássica chinesa. As preocupações à época não me levavam a interessar pela linguística que me viria a obcecar depois de 1984. Apenas achava curiosa a existência de um patuá similar ao de Malaca, um crioulo centenário, sobrevivente a tudo e todos com escassos membros falantes. A atração natural pela mulher oriental sobrelevava quaisquer outros interesses, a vontade de descobrir novos mundos em corpos de pele sedosa, em sensualidades de submissão e de devoção ao prazer hedonista conquistaram-me enquanto jovem. Os meus olhos raramente se desviavam das suas cabaias de seda ou Cheong-sam, justíssimas, de cores vivas e refulgentes e grandes aberturas laterais até ao cimo da alva coxa, bem torneada, a deixar antever mistérios por decifrar e paraísos por descobrir. Citando, de novo, Leal de Carvalho:

“A interpenetração dos valores culturais das múltiplas comunidades locais, a flexibilidade dos códigos morais ou sociais do Oriente, a influência no meio macaísta dos usos e costumes chineses que instituíra na Colónia o concubinato com o reconhecimento social e legal, o contacto frequente com a sexualidade liberal dos aventureiros de outros mundos e etnias...

O temperamento fácil das gentes do Sueste Asiático, as noites quentes e sensuais dos Trópicos...tinham adoptado a rigidez de fachada vitoriana e marialva, da moral sexual de importação lusitana e conferido à sociedade macaísta uma tolerância e sofisticação que comportava... admissibilidade de pequenas infrações sexuais, aventuras pré-maritais com ou sem sequência matrimonial, recatados adultérios.»²⁶

A queda inevitável pelas belezas asiáticas, bem como a flexibilidade dos costumes sexuais funcionam assim como forte motivação para a aceitação de alguns dos costumes do Outro...

...a mulher ser sempre «nova, esguia, bem torneada, na sua cabaia muito justa e brilhante, colarinho duro e alto, e grandes aberturas laterais até meia-coxa» (op. cit. p. 52).

Afinal, outros homens como ele sentiam o mesmo fascínio por aquelas mulheres.

É que, elas dançavam bem, estavam perfumadas, tinham «peles perfeitas e corpos esculturais, de feições enigmáticas, escondendo sabe-se lá que emoções ou sentimentos» (p. 53) ...

Várias vezes, ao longo deste livro e dos outros, é ressaltada a beleza serena e um tanto enigmática da mulher oriental, a sua sensualidade e a suavidade da pele: «*as senhoras chinesas tinham uma complexion de pétala de rosa*»²⁷, característica que as macaenses herdariam. Ou ainda «*a resignação ancestral da mulher oriental, habituada à natureza traiçoeira dos homens em geral e dos europeus em particular*» (Ao Serviço de Sua Majestade: 323) - fizeram-se muitos casamentos com reinóis, donde provieram os macaenses. A longa ausência dos colonos, a solidão, o clima e a beleza da mulher asiática incitam à sua procura, garantindo uma provisão razoável de mestiças (half-caste), belas, de «*olhos negros, vivazes e tentadores*»,²⁸ sedutoras devido «à suavidade do sotaque» ou ao «calor do temperamento» (p. 29). Estas macaenses acabaram por assumir lugar de destaque na sociedade local. Tudo isto (aqui magistralmente descrito pelo juiz açoriano e compilado pela colega Anabela Mimoso no 15º colóquio) servia de pano de fundo a emoções, paixões e desenfreamentos sexuais que assolavam os jovens ocidentais e a mim em particular. Tentar à distância de três décadas reviver sentimentos e outras sonoridades íntimas do ser humano é doloroso e pode carecer de fidelidade. Surgem sempre enevoadas memórias mais róseas do que talvez, na época, fossem. Os elementos negativos da solidão, do afastamento do lar familiar habitual, da necessidade de conjugar novos verbos, novas famílias, novos sentimentos e emoções sobrepunham-se então a uma mera excitação pelas novas descobertas que preenchiam os meus dias e noites.

98.12. ABERTURA DAS PORTAS DO CERCO OUTUBRO 1980

26 O Senhor Conde, p. 214

27 Ao Serviço de Sua Majestade p. 602

28 Ao Serviço de Sua Majestade p. 28

Na celebração de trinta anos do aniversário da Revolução maoísta, a República Popular da China decidiu abrir as suas portas aos diabos estrangeiros. Ainda tinha no subconsciente a noção adolescente de que o maoísmo seria, talvez, um dos melhores sistemas políticos à face da terra. Era 1 de outubro de 1979 e logo, me aprestei a colocar o nome na lista dos candidatos a visitar a RPC, mas nenhuma viagem se realizaria antes de janeiro de 1980 e mesmo assim só me calharia a vez lá para março desse ano. Em cada mês apenas deixavam ir uma dezena de pessoas e assim, calhou-me a data de 28 de março a 1 de abril de 1980 para passar 5 dias e quatro noites na China. A expectativa era enorme, e o grupo era reduzido a apenas dez pessoas que pagaram então 1450 patacas (hoje seriam menos de 15 euros). Não eram aceites pessoas com passaportes de Israel, Coreia do Sul, África do Sul e Rodésia (ainda não era Zimbabué). A acomodação era feita na base de duas pessoas por quarto (com banho privativo) e não se podia levar divisa estrangeira a menos que fosse declarada, devendo adquirir-se previamente Renminbi (yuan). O primeiro documento que recebemos antes de partir era uma folha na qual se explicavam os costumes e normas de cortesia e que ficará bem aqui reter pela curiosidade que ora representa numa altura em que as viagens para a China são comuns, ao contrário de então. Perdoem a tradução literal que se fez do inglês.

”. Como visitante de um país estrangeiro, um falso passo que o possa embaraçar a si ou aos seus anfitriões, normalmente resulta de uma falta de compreensão dos costumes do país e do seu povo. As áreas mais sensíveis incluem: A liderança da República Popular da China é tida na mais alta consideração pelos seus cidadãos. Em nenhuma circunstância poderá fazer qualquer referência crítica ou cómica à mesma.

Qualquer comentário ou inferência de natureza sexual é considerada ofensiva. Qualquer tipo de contacto físico com exceção do aperto de mãos, deve ser evitado, para respeitar os costumes chineses.

Todas as pessoas na China são consideradas como tendo igual mérito. Tratamento depreciativo a porteiros, carregadores, falar alto ou exigir qualquer tratamento pessoal especial é considerado como uma falta de respeito.

As fotografias podem apenas ser tiradas depois de se ter pedido autorização às pessoas que se pretende fotografar.

Basta mostrar a câmara fotográfica para se observar a reação positiva ou negativa das pessoas pelo que deve agir em conformidade.

A pontualidade é considerada uma virtude na China. Vai encontrar os seus anfitriões sempre à hora marcada e os membros da excursão devem proceder de igual modo em todas as situações.

A visita a escolas, comunas, fábricas, brigadas longrui, hospitais, etc., normalmente incluirá uma reunião prévia com pessoal local que será traduzida pelo guia.

No final de cada visita, disponibiliza-se algum tempo para perguntas e respostas sobre assuntos que não foram focados ou não foram totalmente explicados no decurso da visita.

Quer a reunião prévia quer este período de perguntas e respostas se destina a fornecer o máximo de informações aos visitantes.

Se estiver atento durante as explicações permitirá aos seus colegas de visita o mesmo tempo para fazerem perguntas e obterem respostas.

É de bom-tom não se esquecer de agradecer ao pessoal local o tempo e esforço despendidos nas explicações e nas perguntas e respostas.

A entrega de ofertas não é insultuosa, mas em nenhuma circunstância é obrigatória ou deve ser esperada. Em muitas ocasiões deve ser educadamente recusada.

Uma pequena lembrança deve ser entendida como um ato de amizade genuína e deve ser aceite, mas em nenhum caso deve ser uma oferta de grande valor.

A moeda em circulação na China é o Renminbi e a sua unidade básica é o yuan.

Na data de imprimir este programa a taxa de câmbio é de 1,58 yuan para um dólar americano.

Cada yuan divide-se em Jiao e Fan. Dez Fan são 1 Jiao, e 10 Jiao são 1 yuan....

...

Bebidas: não é aconselhável beber água da torneira. Bebidas refrigerantes, gasosas e cervejas estão disponíveis.

A sua roupa deve ser escolhida em termos de conforto e condições climatéricas, e não pela moda. Deve usar sapatos confortáveis.

Não há necessidade de se vestir formalmente para qualquer dos eventos que vai ter na China.

Calças e camisas desportivas para homem.

Para as senhoras, saias compridas ou vestidos estarão bem, mas é aceitável as mulheres vestirem calças. Todos devem vestir de forma modesta.²⁹

Gorjetas e taxas: todas as gorjetas e taxas estão incluídas no itinerário.

As gorjetas ao guia não são obrigatórias e ficam à descrição dos passageiros.”

29 [Não existe o número 13 neste programa...]

O programa iniciava-se em Macau dia 29, bem cedo, rumo a Chung San para visitar a aldeia de Cuiheng-Cun, onde nasceu o primeiro líder chinês Sun Yat-sen, seguido de almoço em Sheak Kei. Depois, seguia-se a viagem até Shun Duc para visitar uma fábrica de algodão, com descanso na Casa de Hóspedes de Shun Duc e visita à Comuna Tchong lông Tam ou Clock Fall Pond e à Brigada de Produção Long-Rui na Comuna de Shiqi (Sha-qi) no condado de Zhongshan, com uma área cultivável de 3600 acres (1450 hectares ou 14,5 km²). Em Cantão, o alojamento era no Hotel Bayun (Pak Wan) em Huanshi Road, seguido de visita ao Hotel Tung Fóng para visitar um clube noturno tradicional e ouvir música. No dia 30 além da visita à comuna podiam apreciar-se as vistas, visitar o hospital, uma casa particular, um jardim-de-infância e uma loja do povo para fazer compras. Da parte de tarde após o almoço na comuna uma visita ao zoológico e a uma loja do povo e jantar no hotel. Depois, noite cultural com ópera no parque citadino em Cantão. Dia 31 após o pequeno-almoço das 7 e meia seguia-se para Foshan, visitar o velho templo, uma fábrica de cerâmica, uma de recortes artísticos em papel (paper cutting) e almoço em Foshan. De tarde, visita a uma loja de cinco andares, ao parque, à fábrica de marfim seguida de jantar no restaurante do hotel pelas 18.30. Dia 1 levantar pelas seis da manhã, verificação de bagagem e partida para a estação de comboio rumo à viagem até Hong Kong.

O panfleto dizia que Cantão era tão conhecida como Pequim ou Xangai pela sua Feira Internacional criada em 1957 (bianual, na primavera e no outono). Localizada no delta do Rio das Pérolas a cento e vinte quilómetros de Hong Kong, Cantão era recomendada para se visitar o Instituto Nacional do Movimento Campesino fundado pelo Presidente Mao, o Memorial ao doutor Sun Yat-sen, o Parque dos Mártires da Revolta de Kwang-chow, o Mausoléu dos 72 Mártires em Huanghuakang, o Parque Cultural no Rio das Pérolas, o Parque da Montanha em Paiyun (Nuvem Branca) e o Parque Yuehsiu, o Parque Liuhua (corrente de flores), além do zoológico de Kwang-chow onde habitam os tradicionais Pandas gigantes, indústrias cerâmicas, de seda, de moldes metálicos em Foshan, a antiga residência do doutor Sun Yat-sen na aldeia de Tsui Hang em Chung San, entre a Comuna Shek-kei e Macau. Cantão tinha então apenas dois milhões de habitantes (hoje já vai nos 12 milhões) e desfrutava da sua história de mais de dois mil anos. Não constava do programa, mas os visitantes conseguiram autorização para uma curta visita à Cidade Proibida dos Estrangeiros em Shameen (ou ilha de Shamian) onde viram as habitações das missões estrangeiras acreditadas em Cantão desde o tempo da Guerras do Ópio. Nela encontraram a casa que servira de Consulado a Portugal onde vivera o Cônsul Português, avô da minha mulher macaense, até ao fim da Segunda Grande Guerra (houve relações ininterruptas entre Portugal e a China até 1949, depois de Tomé Pires em 1517 ter desembarcado em Cantão como primeiro embaixador do Rei de Portugal no Império do Meio entre Portugal e a República Popular da China, só foram reatadas em fevereiro 1979)

Shamian foi um importante porto de Guangzhou (Cantão) para o comércio internacional desde a dinastia Song à dinastia Qing.

Do século 18 a meados do século 19, os estrangeiros viviam numa série de casas seguidas conhecidas como as 13 Fábricas em Shamian, junto das quais ancoravam milhares de pessoas em barcos.

Era um ponto estratégico vital para a defesa da cidade durante as Guerras do Ópio (1856-1860).

Em 1859, o território foi dividido em duas concessões, a francesa (1/5) e a inglesa (4/5 da ilha) e ligado ao continente por duas pontes que fechavam diariamente pelas dez da noite por motivo de segurança.

A ponte inglesa era guardada pela Guarda Real, composta por soldados Sikhs, e a francesa por soldados Anamitas (do Vietname).

Havia companhias mercantis da Grã-Bretanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Alemanha, Japão e Portugal ali estabelecidas, em mansões de pedra ao longo da marginal da ilha, em construções tipicamente europeias de telhados inclinados e largas varandas.

A ilha presenciou um sangrento e mortífero episódio entre cadetes da Academia Militar e estudantes, que ficou conhecido como o "incidente de 23 de junho de 1925".

Permanecem até hoje (1980) em bom estado de conservação a católica Igreja de N. Sra. de Lurdes (construída pelos franceses em 1892) e a protestante Igreja de Cristo (construída pelos ingleses em 1865).

Nas últimas décadas todos os edifícios foram reconstruídos e recuperados, com placas a comemorar a sua utilização anterior, mas quando os visitei em 1980 estavam decrépitos e albergavam dezenas de famílias, cada um

deles, numa ocupação selvagem ditada pela sua ocupação em 1949 quando se converteram em edifícios públicos, apartamentos e fábricas.

Por curiosidade fui agora mesmo ver na internet, Cantão e a zona de Shamian estava irreconhecível. Dos velhos edifícios decadentes, sobrepopoados e quase em ruínas restauraram essas velhas mansões coloniais ao seu brilho de há século e meio atrás com todos os requisitos da moderna civilização.

Estava rejuvenescida Shamian, podia ser Paris ou Londres com as suas alamedas de frondosas árvores, a traça larga das suas avenidas e as velhas mansões resplandecentes.

As velhas estátuas ocidentais que pontuam as várias ruas lineares foram igualmente recuperadas, mas nessa visita de 1980 estavam em avançado estado de decomposição.

O consulado português de então, segundo creio, é hoje um Café Starbucks...

Voltemos agora ao roteiro de 1980 e a essa viagem mágica da primeira incursão na China de Mao. De início tudo correu bem até verem que a guia de Macau que acompanhava o senhor Chen (guia oficial chinês) e a minha mulher macaense eram fluentes em cantonês. De facto, elas estavam a traduzir mais que o senhor Chen, pois este deixava de fora muita informação e desinterpretava muita coisa do que se dizia e se perguntava, mormente na Comuna. Aqui, além de vermos os patos, galinhas, gansos, a produção de arroz, outros cereais e vegetais fizemos perguntas à dona da casa sobre o marido. Ela disse que se encontrava num campo de trabalho (de concentração?) a dias de viagem e há anos que não ia a casa. A tradução oficial do senhor Chen foi de que o competente trabalhador se dispusera a ajudar outra comuna que precisava mais dos seus serviços e da sua experiência.... Quando se quis saber como é que uma mulher que vivia só com dois ou três filhos pequenos (estavam na creche da comuna) tinha uma cozinha com tantas cadeiras, a resposta original era de que tinha de ter cadeiras para visitantes como nós, mas a tradução oficial dizia que lá se reuniam os membros da comuna para tratar de assuntos relacionados com a produção agrícola da comuna.... Ela tinha aquelas cadeiras todas por ser do Partido!

A visita ao hospital regional perto da comuna de Tchong lònq Tam foi assustadora com a sua enorme exposição pública de frascos e amostras de fetos com deformações várias, e sabe-se lá que mais ali estava em exposição. Uma verdadeira viagem ao mundo do Dr Jekyll e Mr Hyde acompanhada da nauseabunda explicação da diretora clínica. Se aquele era um hospital modelo só suplicávamos que ninguém adoecesse na viagem. A precariedade das instalações, os equipamentos anteriores à Segunda Grande Guerra e um estado geral de abandono e decadência eram assustadores. Ainda se - ao menos - tivessem caído as paredes depois da Primeira Grande Guerra.... Excepcionais e memoráveis foram as visitas às fábricas de marfim, da seda, de “paper cutting (recortes de papel)” salientando-se na primeira, a detalhada explicação sobre a morosidade do trabalho mais fino e da precisa manipulação de instrumentos para as partes em filigrana de marfim. Era deveras impressionante como se conseguia colocar uma bola dentro de uma peça de marfim antes de ela estar completa para que não caísse depois. Semelhante às bolas que estão sempre na boca dos dragões que adornam a entrada de muitos templos. Acabei por trazer além de uma pequena peça, elaboradíssima e complexa em marfim, um grão de arroz com o meu nome inscrito nele.

(Nota triste do autor☹). Para quem não sabe, o destino ingrato deste grão de arroz foi o esgoto da cidade do Porto. Uma empregada doméstica, a violenta dona Violante, no começo do século XXI deixara cair a pequena caixa onde estava o grão de arroz, coberto por um minúsculo vidro, e para que ninguém notasse que a peça se tinha partido, foi buscar o aspirador e eliminou as provas do crime, sem nada dizer! Motivo para despedimento na hora com justa causa.

As fábricas de algodão e de seda eram deveras interessantes, mas já a fábrica de metalurgia não trouxe novidades. O local onde cortavam o papel de arroz para fazer figuras filigranadas era outro espanto de paciência chinesa e de precisão. Ainda hoje guardo religiosamente inúmeras amostras destes trabalhos artísticos tão originais. A pior parte foi quando tentei que o guia me autorizasse a falar com o diretor da estação de rádio. Ocidentalizado como ainda era, pedira como quem pede um copo de água, para fazer uma curta transmissão para Macau como

previamente organizara (e levava documento comprovativo) com a TDM/Rádio Macau. O guia e o porta-voz oficial da estação começaram de novo a falar em mandarim, a perderem a compostura, em voz altissonante, como se acabasse de cometer um crime insultuoso contra o Grande Líder, Mao Tse Tung (Máo Zédōng). Sem jamais perceber o que se passava (ninguém entendia mandarim) acabei por ser informado que era altamente ilegal tentar fazer uma transmissão da China para o estrangeiro e que jamais se esperaria que a mesma fosse autorizada. Como resultado daquele pedido a visita à estação de rádio acabaria cancelada, ali mesmo, do lado de fora do gradeamento. Passei a conter-me mais, a partir desse momento, pois estive perto de ser considerado um perigoso espião que ia passar segredos de Estado ao estrangeiro sobre o atraso de vida que era a China naquela época. Com efeito, desde a ida ao hospital, era enorme o meu desencanto pelo atraso de tudo o que nos rodeava. Os templos eram soberbos, mas todos tinham sido construídos séculos antes. De facto, a grande revolução cultural mais não fizera além de matar a *intelligentsia* e enviar para campos de concentração todos os literatos, intelectuais e artistas e destruí-los, pois, na visão de Mao todo o saber e conhecimento eram burgueses. (Deve ser por isso que hoje há tanto ignorante em Portugal, não querem que as massas sejam burguesas!)

A coletivização dos campos limitou-se a tirar as terras a quem as tinha e substituir quem lá estava pelos trabalhadores iletrados e com poucos conhecimentos sobre a agricultura (uma espécie de má reforma agrária no Alentejo, mas em escala muito grande).

Habitados a trabalhar, em funções repetitivas, sem capacidade de iniciativa nem conhecimentos técnicos, os trabalhadores que passaram a gerir os coletivos revelaram-se um desastre total.

De uma quase autossuficiência passou-se à necessidade de importar.

Assim, a China passou de celeiro do mundo a importador de comida.

Grande Mao. Grande líder que assim me enganaste.

Nada do que vi tinha correlação com o Livrinho Vermelho nem com os grandes placards de publicidade ao maoísmo.

Apenas certificava a enorme campanha de lavagem ao cérebro do povo iletrado, educando-o contra quem o regime pensava que eram os seus inimigos (de classe, claro) e pretendendo que era o povo quem mais ordenava.

Muito orwelliano...nesta visita tudo o que era belo e nos despertou a curiosidade era bem anterior à Grande Revolução.

Desta revolução de massas e da Grande Marcha, nada havia para ver, pelo contrário. Apenas a derrota do inimigo capitalista.

As estradas eram um susto, cheias de buracos, piores que as estradas municipais de Portugal, toda a gente conduzia e apitava ao mesmo tempo e ninguém pensava duas vezes se cabiam duas viaturas ou não, tentavam ambas passar em simultâneo. Os sobressaltos na estrada eram tantos que deixei de olhar em frente e passei a olhar para os lados, para os campos na esperança de ver algo interessante. Também aí residira nova surpresa: fora nesses campos, em plena berma da estrada, onde quer que calhasse, que vira muitos chineses e chinesas fazerem as suas necessidades em plena vista de todos, com o ar mais descontraído do mundo. Houvera mesmo quem acenasse ao nosso autocarro... Grotesco Ali na China, nem sequer o buraco no chão, tão típico destas regiões asiáticas, como vira na Indonésia, na Tailândia, na Índia, estava disponível. Pelo que vi nos campos (e pelo que, mais tarde, li), em plena vista de todos, fazia-se tudo, amanhavam-se as terras, plantava-se o arroz, defecava-se, urinava-se e tinham-se crianças, numa curta pausa, para não interromper o ciclo produtivo das massas operárias. Seria assim que pensavam aumentar a produtividade?

Do meu quarto de Hotel, pelas seis e meia da manhã, não se viam carros (poucos havia ainda nesses idos de 1980, eram os do partido e poucos mais) mas sim alguns autocarros bem antigos e fumegantes (a poluição ainda não era o perigo insalubre que seria mais tarde) e milhares, senão mesmo, milhões de bicicletas. No entanto, o barulho de buzinas fazia prever que se estava em Carachi ou Bombaim. Ao fim da tarde o espetáculo repetia-se em sentido inverso, da esquerda para a direita do seu campo visual, com o regresso das massas trabalhadoras aos seus locais de origem, fora de Cantão. A ópera chinesa no parque fora uma grande “seca” de mais

de duas horas, com a habitual peculiaridade de homens maquilhados desempenharem os papéis femininos, na velha tradição da cantoria tradicional chinesa. Por outro lado, já o clube noturno fora uma agradável surpresa e uma viagem no tempo, com um grupo de instrumentistas e cantantes vestidos à moda da década de 1920, a interpretarem temas de música norte-americana do fim do século XIX ou princípio do século XX. Parecia o faroeste revisitado com olhos em bico. Todos os demais presentes se mostravam muito curiosos por estes diabos brancos que os escutavam, pois ainda se não tinham habituado a ver caras brancas (e uma delas era loura) pois, até então, poucos turistas tinham ainda entrado no país. As lojas do povo foram outra decepção pois poucos produtos estavam em exposição, lembravam as velhas prateleiras dos supermercados dos países de leste durante a Guerra Fria. Nada havia de interessante ou diferente para comprar, além do vinho de arroz e outras bebidas exóticas. Não havia dúvidas de que a China dava os seus primeiros passos na abertura a Ocidente. O que é espantoso é ver o que eles conseguiram em trinta anos, como consegui comprovar na curta visita de um dia à zona de Zuhai, no fim do 15º colóquio em 2011. Sem comparação, haviam convertido a China numa versão oriental das grandes metrópoles ocidentais com todo o consumismo que isso implica e a disponibilização de todos os bens de consumo imagináveis.

Não havia paralelismo possível entre o que observei em 1980 e o que via agora. Dava vontade de viver na China e partilhar aquela pujança económica de crescimento acelerado se considerarmos que se trata da pátria de 1,4 biliões de pessoas. Era a mesma pujança que vi em Macau trinta anos depois, nessa visita de 2011. Infelizmente, que a missão a Macau durava apenas dez dias e teríamos todos de regressar para aquele país europeu que se afundava lentamente, com crescimento negativo esperado por muitos e bons anos, fruto da desgovernação de décadas após a revolução de 1974. Portugal era um país que se atrasava - cada vez mais - e que parecia tão desenvolvido em 1980 quando comparado com a China de então. Assim parecera também no início da década de 1960 em comparação com a vizinha Espanha. O milagre económico da China, não tenhamos dúvidas, foi feito à custa da violação de muitos (ou quase todos) direitos humanos e de abusos e crimes quanto à proteção do meio ambiente, num regime alegadamente comunista onde o Partido ainda hoje decide tudo sobre as pessoas que estão sob o seu comando. Mas fiquem bem cientes de que a maioria das pessoas vive hoje incomensuravelmente melhor do que em 1980. Disso não devem restar dúvidas a ninguém.

Esse crescimento económico, à custa da exploração desenfreada e sem pruridos, de uma mão de obra extremamente barata teve e tem o seu preço, mas quem for mais santo do que eu decida. Por comparação, em Portugal os trabalhadores estão cheios de direitos (férias, subsídios de natal, direito à greve, e sabe-se lá que mais), que dão para reformas miseráveis. Na China praticamente não existem. Pela fisionomia apenas, não creio que os portugueses sejam mais felizes do que os chineses e com a agravante de que se queixam infinitamente mais. E se os portugueses não conseguem gerir e fazer crescer um país mais pequeno do que a maior parte das cidades chinesas então é porque estão a seguir uma política que se assemelha ao ataque de Mao à cultura e educação. Em ambos os casos, vi as diferenças de regimes e os resultados que em ambos se atingiram, apenas no decurso de metade da minha vida já vivida. Provavelmente, não viverei o suficiente para ver a China passar a supernação como os EUA foram até há pouco, mas dificilmente o poderia imaginar aquando desta minha visita em 1980. A história é feita de cataclismos e convulsões, guerras e outros desastres naturais e humanos, mas a continuar como está, o mundo ocidental está definitivamente morto e enterrado e as nações emergentes como a China e a Índia poderão, em breve, dominar esse mesmo mundo. Tinham-se limitado a adotar a mesma fórmula, ajustada à sua enorme dimensão de terceiro ou quarto maior país do mundo e mais populosos de todos. Vira então (1980) e tornara a ver (2011) os alunos de escolas chinesas, silenciosos, ordeiros, obedientes e disciplinados. Que diferença para a selva das escolas portuguesas.

O atual sistema de escrita chinesa é o resultado de um longo processo de depuração dos primeiros pictogramas, desenhados há oito mil anos, que mais não eram do que uma estilização da realidade.

A sua primeira aplicação metódica terá sido como uma espécie de linguagem em código nas mensagens trocadas entre líderes militares onde eram dadas ordens e informações diversas sobre o terreno das batalhas ou disposição das tropas.

No sistema uniformizado de hoje os sinogramas (caracteres) são compostos por módulos cujas combinações determinam o sentido final.

Os dicionários dão conta de mais de 48 mil caracteres, contudo a esmagadora maioria caiu em desuso e apenas sobrevive em textos antigos ou em chinês arcaico.

Para se ler um jornal em chinês é “só” preciso reconhecer uns dois mil caracteres - padrão que a China considera um nível literário médio.

Os programas básicos para escrever chinês em computador incorporam entre 6 e 13 mil caracteres.

A escrita de um sinograma obedece a uma agregação lógica de ideias e é, normalmente, composto por duas partes: uma semântica que dá o sentido, e a outra sonora, de onde se extrai o som.

O de madeira, ou árvore, (木), por exemplo, corresponde na sua estilização a uma árvore. Por associação, o caráter final floresta é composto pela justaposição de dois ou três caracteres de árvore (林; 森).

Também os caracteres que transmitem o conceito água utilizam módulos ou radicais de água (氵), como rio (河), sumo (汁) ou baía (澳).

Por exemplo, a palavra Macau (Àomén em mandarim) escreve-se com os dois caracteres – 澳 e 門 – que, isolados, assumem diferentes significados.

Segundo o dicionário da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai, o caráter 澳 isolado significa enseada, ancoradouro, Austrália, baía ou Oceânia, e o caráter 門 significa porta, entrada, escola, budismo enquanto seita, ou uma disciplina académica.

Macau é, no seu significado em língua chinesa, uma porta - entre a China e o mundo - localizada numa baía.

98.13. DO YIN, DO YANG E DO CONFUCIONISMO

Mero aprendiz de feiticeiro, jovem desenfreado na minha segunda aventura de liberdade em 1976, sem as peias constrangedoras da sociedade patriarcal em que cresci, estava disposto a gozar ao máximo o que a vida me pudesse proporcionar. O hedonismo era, sem sombra de dúvida, a filosofia preponderante que me guiava nesses dias. Demasiadas restrições, proibições, tradições invioláveis e outros tabus haviam regido a minha vida desde infante a adolescente. Liberto das peias castradoras da sociedade ocidental e da família arreigada a tradições seculares, ia, enfim, crescer numa errância própria da era das descobertas. Era uma aprendizagem que ia iniciar sem noções premeditadas, nem destinos certos, mas ainda irremediavelmente coartado pelos princípios e noções basilares recebidas de meus pais no tocante à inviolabilidade e perenidade da família. Começava, porém, a descobrir que a vida não era como o yin e yang, uma existência entre o branco e o negro, antes era matizada por uma infinidade de tons cinzentos.

Também a minha vida era composta por duas forças complementares e sendo de signo Balança ou Libra, havia um equilíbrio dinâmico entre elas, que - tal como no princípio da dualidade de yin e yang - surgia o movimento e mutação, a que não se queria opor. Se uma era ativa, diurna, luminosa, quente, já a outra era passiva, noturna, escura, fria. Eu ainda era um ocidental em busca de equilíbrio e de identidade, tal como os macaenses em ambiente estranho e hostil. Muitas eram as forças contraditórias que me impeliam e travavam. Tal como Kung-Fu-Tzu (Confúcio), entre as minhas preocupações estavam a moral, a política, a pedagogia e a religião, por esta mesma ordem de valoração. O valor dado ao estudo, à disciplina, à ordem, à consciência política e ao trabalho são lemas que o confucionismo impôs à civilização chinesa da antiguidade e que se mantêm nos dias de hoje, não sendo uma religião, nem um credo estabelecido, mas apenas determinações rituais de caráter social, que permitem a liberdade de crença em qualquer tipo de sistema metafísico ou religioso que não vá contra as regras de respeito mútuo e etiqueta pessoal.

Curiosamente, este quase total paralelismo entre os valores confucionistas e os meus, deixaram aberta uma via de compreensão. Mas, naquela época faltavam-me ainda muitos anos para entender, na sua globalidade, o verdadeiro significado do dito confucionista “Mesmo nas situações mais pobres uma pessoa que vive corretamente será feliz. Coisas mal adquiridas nunca trarão felicidade” que se tornaria no meu arquétipo após os quarenta e cinco anos.

A vida em Macau - entre 1976 e 1983 - tinha ainda, para mim, muito do chamamento materialista que a situação privilegiada de que beneficiava [em Macau] me podia acarretar. Por outro lado, as inovações técnicas e tecnológicas que ali chegavam (antes de desembaraçarem na Europa e nos EUA) eram demasiado atraentes para as recusar. Os

meus jovens anos não eram conducentes a uma prática de reflexão, mas antes se centravam num hedonismo de ação e gratificação instantânea, de sentidos e sentimentos. Sabia que queria ser feliz, mas não sabia como chegar lá. Ia ensaiar o velho sistema de tentar e errar e confiar na minha proverbial sorte para o atingir. Como a avó paterna me dissera sempre, eu nascera no dia do anjo da guarda e isso proteger-me-ia. Não sendo crente há quase cinco décadas tenho – porém – de admitir que essa premonição da minha avó se revelou bem mais correta do que quero crer.

Ainda não chegara - nessa era - ao ponto em que me consideraria um nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo, frase que teria a oportunidade de citar ao presidente Prof. Lei Heong Iok do Instituto Politécnico de Macau a 13 de abril de 2011 para lhe explicar como interpretava o interesse da China pela lusofonia. Conseguia transmutar a minha mente para um ponto de vista oriental, olvidando as razões lógicas do pensamento ocidental, mas imbuindo-me de um pensamento confucionista delimitava tais razões e ações. Com efeito, depois de viver, conviver e analisar os que me rodearam ao longo de seis anos, mais aquilo que aprendera com expatriados chineses, macaenses e de Hong Kong na Austrália, tudo isso despertara em mim uma forma nova de encarar a vida, o presente e o futuro, para adotar uma visão mais oriental. Menos do imediatismo ocidental que busca fruir uma satisfação imediata para uma posição subjetiva dos objetivos a que me propunha.

Era difícil de explicar, mas o método que segui era basicamente o de esquecer todas as premissas em que crescera e tentar colocar-me na mente do outro, imaginar o quando, como e porquê das suas atitudes, tentar antecipá-las e usar as mesmas, se possível em proveito próprio, como forma de me precaver contra inopinadas surpresas... Nem sempre era fácil, nem sempre era possível, nem sempre levava aos resultados esperados, mas iria permitir-me, mais tarde atingir o balanço cultural entre a origem e as aprendizagens orientais que cultivaria ao longo de décadas de vivência na Australásia e no Império do Meio.

Isso adviria, bem depois, sem sequer me aperceber de como já era diferente dos familiares e amigos que deixara para trás em Portugal. Estes, dificilmente entenderiam a minha mudança de nome, de identidade, de nacionalidade e jamais interpretariam corretamente a mudança de paradigmas pelos quais me passaria a reger anos mais tarde. A verdade é que essa mudança, que inicial e erroneamente localizara em Timor, se deu precisamente em Macau no confronto entre as noções e princípios ensinados na minha educação judaico-cristã e os mundos desconhecidos de que Marco Polo falava e ora eu conhecia.

A chamada religião chinesa não é uma religião única como o judaísmo ou o islamismo. É constituída por muitas religiões e filosofias diferentes, como o confucionismo [Confúcio, 551-479 a.C.], e o taoísmo. Porém, Confúcio não pretendia fundar uma religião. Como propósito pretendia propiciar instrução moral e ensinar as pessoas a viver bem, de acordo com os valores de dever, cortesia, sabedoria e generosidade. Uma das ideias mais importantes de Confúcio era que os filhos deviam honrar e respeitar os pais, tanto em vida como após a morte. Por isso, encorajava a prática do culto aos antepassados, que já fazia parte da religião chinesa. Sábios posteriores como Mêncio (372-289 a.C.) e Zhu Xi (1130-1200) transformaram as ideias de Confúcio num sistema religioso. Já no taoísmo, o Tao é mais do que um caminho, definindo-se como a fonte de tudo neste mundo. Ao seguir o caminho, os taoístas aspiram à união com o Tao, e, portanto, com as forças da natureza. Isso implica livrar-se de preocupações e apego ao mundo material para concentrar-se no caminho, alcançando assim equilíbrio e harmonia na própria vida e conquistando a paz que vem da compreensão. Diz-se dos que atingem esse objetivo que serão imortais após a morte física. Considere-se como terceira religião o budismo que penetrou na China perto do início da era cristã, atingindo seu apogeu durante a dinastia T'ang (618-907). Ao oferecer aos chineses uma análise da natureza transitória e sofredora da vida, o budismo oferece também um caminho de libertação, introduzindo, no entanto, a possibilidade de que os ancestrais estejam a ser atormentados no inferno. Rituais para adquirir e transferir méritos aos mortos tornaram-se importantes, seja pela execução correta de funerais, seja por meio de outros rituais.

A religião popular é tão extensamente praticada que, embora seja ainda mais diversificada, se constitui como uma quarta via. Os chineses em geral não sentem que devam aceitar determinada religião ou filosofia e rejeitar as demais. Escolhem aquela que parece ser mais conveniente ou proveitosa - seja no lar, na vida pública ou nos ritos de passagem.

Mesmo a ideia de transcendente não se aplica também aos chineses no geral. O pensamento chinês é, em sua origem, imanente - tudo está aqui, em potência, esperando ser desperto. A transcendência só existe no budismo, que acredita numa libertação completa da matéria. Sei-o agora com a experiência dos anos e a retrospectão que o recente regresso a Macau me inspirara.

Inferira igualmente que a razão por que Macau ainda não dispusera (até estas crónicas) de um só capítulo total e devotadamente dedicado, nos dois volumes de *Crónicas Aço*, se devia ao facto de haver pontas por unir, e que essa conjugação dos fios da meada só se tornara possível ao regressar ali após quase trinta anos de ausência. Macau fora um capítulo em aberto, uma história por contar, uma estória em busca de um desenlace. Por vezes, só o tempo permite analisar de forma fria e sem emoções, a relevância de factos passados. Sou definitivamente um nativo do ocidente com uma visão oriental do mundo.

98.14. CASAMENTO

Assim se passaram os anos, entremeados com férias de mês e meio em Portugal num ano, noutro ano na Austrália. Era sempre uma boa desculpa para rever amigos e família.

Os meus contratos com a CEM eram bienais e eram sucessivamente renovados.

Entretanto, avançava o processo final de emigração para a Austrália ao abrigo da cláusula de reunião de família, dado que a minha mulher macaense já vivia de facto com ele há mais de dois anos.

Quando me concederam o visto tive de pedir adiamentos por causa das renovações do contrato da CEM. O divórcio litigioso com a mãe dos gémeos foi decretado em finais de 1979. ALELUIA.

Estava, enfim, livre para casar logo que a papelada fosse registada e processada no meu assento de nascimento.

Em março de 1980, a senhora conservadora do Registo Civil de Macau recusou casar-me sob uma falsa interpretação da lei, mas na prática era apenas por ser amiga da minha ex-mulher.

Não perdi tempo a recorrer da decisão.

Fui a Hong Kong meter os papéis. Ali casei em junho 80. Cerimónia civil rápida com padrinhos e testemunhas.

Depois, houve uma pequena festa privada para oito pessoas em casa da madrinha de casamento (a Rubye, irmã do escritor Henrique Senna Fernandes e mulher do então Cônsul-Geral de Portugal na colónia britânica) para comer o bolo e beber o champanhe francês enquanto nos deliciávamos com a vista fabulosa sobre a baía de Hong Kong e o aeroporto de Kai Tak.

Seguiu-se a viagem para Macau onde houve o tradicional banho de arroz.

Mudou-se de roupa e foi-se para a boda na Pousada de Coloane com uns 130 convidados incluindo alguns dos mais elevados representantes do poder chinês.

A servir-nos, o açoriano transmigrado Fernando Gomes que ficaria celebrizado mais tarde pelo seu próprio restaurante em Hác Sa.

Presentes na entrega de presentes o jovem Edmund Ho (futuro governador de Macau após a devolução de Macau à China) a dar-nos o lai-si, além do Roque Choi e Stanley Ho (o dono dos casinos).

A razão para tanta gente deve-se ao costume chinês do lai-si, ou seja, dinheiro num pequeno envelope vermelho debruado com um desenho dourado.

Todas estas ofertas deram e sobraram para pagar a boda.

Convidei e misturei toda a gente.

O diretor-geral da CEM, mulher e enteados (um deles o Ricardo Pinto), sentado ao lado do chefe de armazém, o comandante da marinha com as francesas do “cancã”, os mecânicos e suas famílias com o diretor da Rádio, o seu amigo e “meio-irmão” adotivo Nick Griffin, padrinho oficial de casamento a falar inglês e chinês, outros a falarem português, numa mistura de classes sociais, sotaques e línguas difícil de imaginar e jamais vista.

As pessoas inicialmente intimidadas acabaram por se tornarem mais humanas durante umas horas. Quando todos saíram já eu estava exausto.

Os meus pais recusaram-se, com uma qualquer desculpa habitual, a estarem presentes apesar de lhes ter enviado bilhetes de avião.

Apenas a mãe portuguesa da minha mulher macaense veio da Austrália e aproveitou para reencontrar amigos que ali fizera ao longo de 30 anos.

Depois fui cumprir a promessa do poema desta crónica e fui à Tailândia passar dez dias a fingir de lua-de-mel que a verdadeira ficou adiada para Portugal, onde estivemos no Algarve com a irmã e o cunhado.

Foram umas férias selvagens sem horas para nada, jantávamos muitas vezes depois da meia-noite.

Talvez tenha sido das poucas vezes em que apreciei estar no Algarve, local que considero um dos melhores exemplos dos atentados do homem contra a natureza e beleza primitiva em troca de uns meros trinta dinheiros tal como Judas.

A dilapidação do Algarve impressiona-me negativamente, mas essa era a natureza mundana e portuguesa e a única forma de me manifestar era evitar deslocar-me a esse rincão sul do pequeno retângulo português.

Na Austrália, em continuação de lua-de-mel, alugamos um carro e viajamos pelo estado da Austrália Ocidental, fartamo-nos de passar dias no mar no iate Breakaway do meu cunhado, na ilha Rottneest e a ir a festas mascaradas.

A vida em Macau estava por um fio, com os sucessivos adiamentos que a Imigração Australiana me concedera para me radicar lá definitivamente. Em junho de 1982 fui intimado pela embaixada australiana de Hong Kong a fazer as malas até dezembro, se não o meu visto era cancelado e a autorização de emigrar revogada.

Lá fui a correr trocar o meu Toyota Cellica 2.0 ST que comprara quando me fartei do sal no depósito do Fiat 128. Optei por um carro mais citadino, um Nissan Sunny 1.6 Hatchback, matrícula MB-12-86, com todos os extras que conseguira rapidamente importar de Hong Kong.

Depois, foi a tarefa de embalar tudo e o carro em 30 m³ num contentor. Executamos modelos em miniatura para provar aos cétricos “coolies” chineses que os 174 caixotes iriam caber. Cheguei, definitivamente, ao continente-ilha a 14 janeiro 1983, quase na mesma data em que chegara a Macau anos antes. Mais velho, mas nem por isso necessariamente mais maduro, sonhava já poder comprar uma casa com piscina, ter um barco ancorado numa marina e uma vida cheia de futuro. Como se verá noutra local, nada disso foi conseguido, mas valeu a pena.



carro

novo

1982



natal 1977 na CEM

98.15. RECORDAR MACAU

Em 2011 era a redescoberta de uma terra que duplicara de área física, mudara a soberania artificial e nominalmente portuguesa para a sua velha pátria chinesa, mas mantinha-se autónoma e com isso se tornara a nova Las Vegas. Com cerca de 30 casinos, em vez de três ou quatro da presença portuguesa, já faturava três vezes mais do que a sua congénere no Arizona. A palavra de ordem naquilo que via era progresso, desenvolvimento, pontes, prédios, estradas, tecnologias de ponta e a preservação da língua portuguesa que tão descuidada fora em mais de 450 anos de presença simbólica de uma administração portuguesa. Um país e dois sistemas, como em Hong Kong, provaram algo em que poucos criam. A preservação e incentivo da língua de Camões vieram como um bónus económico à implantação chinesa na África e no Brasil.

Voltemos ao passado. Nestas décadas todas, apenas me lembrara de Macau ao ver um programa assustador a 12 dezembro 2005, num dos canais generalistas de televisão, na RTP1, “Prós e Contras” da Fátima Campos Ferreira.

Até a Judite de Sousa ou mesmo o emproado José Rodrigues dos Santos (que lá fez o liceu) começaram na RTP em Macau em 1980 ou 1981, seriam mais apropriados para fazerem um programa destes pois têm melhor preparação e cultura do que esta Fátima. Fora o tema que me interessara, pois iria observar a situação seis anos após a transição do poder em Macau. Ali estive colocado em serviço de dezembro 1976 a março 1983 (na prática estive menos tempo).

Lidara com muitos dos 750 funcionários da CEM naquela época. Convivera com eles, partilhara das suas festas, e aprendera o valor incomensurável da palavra tempo, que ali surge com outro significado. Os orientais, em especial os chineses seguem implacáveis, direções milenares, sem hesitações num sentimento de dever e de tradição que nada tem a ver com as noções ocidentais equivalentes. Há um objetivo a atingir e essa é a meta que perseguem à custa de tudo e de todos, como se fora uma missão sagrada ou divina, para quem os obstáculos são apenas meros percalços do caminho que há que saltar ou contornar ou eliminar.

Lembrem-se: "*O rio só atinge seu objetivo porque aprendeu a contornar seus obstáculos!*" segundo escreveu Lao Tsé, filósofo chinês³⁰. Há um objetivo a atingir e essa é a meta que perseguem à custa de tudo e de todos, como se fora uma missão sagrada ou divina, para quem os obstáculos são apenas meros percalços do caminho que há que saltar ou contornar ou eliminar. Podem nunca pronunciar esse objetivo, podem nem se aperceber da sua existência, podem nem sequer transmitir essa herança genética, mas ela perdura – irreversível - como uma tatuagem a ferro e fogo. Não há nenhuma norma escrita que nos possa orientar sobre esta atitude filosófica. Lembrava-me que a CTC (Central Termoelétrica de Coloane, na ilha do mesmo nome) estivera dois anos nas mãos dos japoneses antes de nos entregarem a chave das operações, e ali tentei, com a sofreguidão de jovem executivo, impor um novo esquema de trabalho.

Havia cerca de 32 feriados por ano, os de Macau (portugueses), os dos chineses, e os de Hong Kong (ingleses). Havia dias em que na Central só havia chefes e outros em que só havia serventes ou "coolies" (como então ainda se designavam os trabalhadores indiferenciados). Era difícil chegar a acordo com eles, prometia-se-lhes mais dinheiro, mas eles não queriam, prometia-se-lhes mais dias de folga, mas eles recusavam. Finalmente, foi acordada uma nova lista de feriados conjuntos que acabou por merecer a aprovação deles, sem recurso a mais dinheiro ou a mais horas de descanso, apenas um arranjo melhor da lista.

O dinheiro e a promessa de descanso que teriam levado qualquer ocidental a aceitar a mudança ali não surtira efeito. Essa era uma das muitas lições que ali aprendi. Mais difícil depois fora criar carreiras profissionais para os locais, quando os continentais e outros expatriados de África que para ali tinham ido, tinham sido contratados com condições milionárias. Por exemplo, os Chefes de Secção, duma Divisão, ganhavam inicialmente 300 patacas e o superior hierárquico imediato, Chefe da Divisão 5000 patacas... Com uma nova política de responsabilização, melhor aproveitamento de recursos, possibilidades de promoção e outras coisas acabou por reduzir-se substancialmente esse fosso. Se no início de 1977 aquele diferencial salarial era de 21,7, uns meros cinco anos depois (1982) era apenas de 8, nada mau para aumentar a justiça social.

Exatamente o contrário do que se passa em Portugal, nas últimas décadas, em que tal diferencial não parou de aumentar.

Eu sempre andara ao contrário de todo o mundo, como os caranguejos, mas em vez de andar para trás andava sempre para a frente, adiantado em relação aos restantes. Pouco sabia de chinês falado (mais propriamente cantonense) embora conseguisse balbuciar algumas frases elementares, mormente em relação a comida. Aprendi imenso com os chineses, conquanto, em tempos que já lá vão, tivesse vivido e casado com uma nativa macaense. Com eles aprendi o significado da palavra paciência e a ideia de que se deve programar e agir com vista a um futuro longínquo e invisível. Tudo isto contrariava as noções basilares da filosofia ocidental que aprendi desde os bancos da escola.

Senão, vejamos o exemplo chinês do bambu, ou melhor dizendo do bambu chinês. O bambu, quando plantado por semente, tem uma maneira tão peculiar de brotar e crescer que se tornou uma grande lição de sabedoria. A semente, depois de colocada no solo, demora muito tempo para apresentar sinais externos de que vai vingar. O bambu enraíza-se bem fundo antes de crescer fora da terra. No início, a semente transforma-se num bolbo e depois de algum

30 fundador do taoismo, século VII a.C.

tempo surge um pequeno rebento. Este rebento permanece inalterado sob o solo por um longo período. Somente depois de as raízes atingirem dezenas de metros, ao longo de cinco anos de incessante trabalho, é que começa a projetar-se para fora da superfície. Depois, em pouco tempo, o bambu cresce vertiginosamente e atinge a altura de 25 metros! Ao observar o comportamento do bambu, os chineses aprenderam a importância da paciência e da determinação. Muitas vezes, queremos na sociedade ocidental do imediatismo, que as coisas aconteçam rapidamente e ficamos impacientes diante dos morosos resultados. Se a preocupação for para mostrar efeitos imediatos, corremos o risco de sacrificar as bases, os alicerces, e, com isso, colocamos tudo a perder. Reconhecer o que o momento presente exige e depois, paulatinamente, confiar - este é o segredo do bambu chinês. O bambu simplesmente faz o que tem que ser feito, no momento em que tem que ser feito, e faz tudo com serenidade, segurança e coragem. Não pensa nos resultados nem sofre por antecipação. O bambu, assim como o sábio, tem confiança plena no processo, nos movimentos da Natureza e na perfeição do universo.

Tudo isto é baseado em ancestral filosofia. Quando o verdadeiro eu e harmonia são realizados, todas as coisas alcançam o seu pleno crescimento e desenvolvimento. Assim, "a vida do homem moral é uma exemplificação da ordem moral universal". Tentar ser fiel a si mesmo é "a lei do Homem". Esta verdade é absoluta, indestrutível, eterna, infinita, transcendental e inteligente, contém e abarca toda a existência; cumpre-a e aperfeiçoa-a sem ser vista; produz efeitos sem movimento; atinge os seus objetivos sem ação. Uma antiga lenda chinesa narra que na "superação do ego" está o passo decisivo na busca da verdade, do misterioso, do maravilhoso e do reencontro da totalidade. A lenda está descrita no livro "O Verdadeiro Livro do País da Florescência" de Dschuan Dsi:

"O senhor da terra amarela viajava para além dos limites do mundo. Chegou a uma montanha muito alta e viu a circulação do regresso. Então, perdeu a sua pérola mágica. Mandou o conhecimento ir buscá-la e não a teve de volta. Mandou a perspicácia ir buscá-la e não a teve de volta. Então, enviou o esquecimento de si mesmo. O esquecimento de si mesmo a encontrou. O senhor da terra amarela disse: "É estranho que justamente o esquecimento de si mesmo tenha sido capaz de encontrá-la!"

Sou um construtor nato de egos por medida e todas estas noções superam-me. Não sabia ainda, nessa época, que as iria usar mais tarde e segui-las como paradigma de vida, ao mudar os arquétipos que tinham regido a minha existência. Vivera, até então, na busca da felicidade imediata, da riqueza imediata, da satisfação imediata e não obtivera nenhuma. A filosofia chinesa apresenta dois aspetos complementares. Por serem um povo prático, com uma consciência social altamente desenvolvida, os chineses contavam com escolas filosóficas voltadas, de uma forma ou de outra, para a vida em sociedade, com as suas relações humanas, valores morais e governo. Esse, no entanto, é só um aspeto do pensamento chinês. Complementando-o, encontra-se o lado místico do caráter chinês; este aspeto exigia que o "objetivo mais elevado da filosofia fosse o de transcender o mundo da sociedade e da vida quotidiana e alcançar um plano mais elevado de consciência" (Capra, 1975³¹).

Eu sabia também que os valores morais e materiais do meu mundo ocidental ali de nada valiam, conforme a minha persistente, inglória, vã e desesperadamente inútil cruzada contra a corrupção e nepotismo o viriam a provar. Saí de lá com a cabeça bem alta e a bolsa nada recheada, ao contrário de praticamente todos aqueles com quem me cruzara nesses anos. Não teria hoje grande autoridade para falar da China e de Macau, mas tinha a que foi alicerçada nos anos em que depois do meu emprego de economista na CEM (Companhia de Eletricidade de Macau), tinha os meus bem-sucedidos programas de rádio, prolongando-se até à meia-noite ou até às duas da manhã. Jamais esquecerei as centenas de infindáveis tertúlias informais, com gente de todos os quadrantes, desde o grupo de arquitetos José Pereira Chan, Manuel Vicente³², Graça Dias, e outros, ao então inefável e sábio curador do Museu Camões (Toninho Conceição, na atual Casa Garden que lhe servia de residência),³³ aos colegas jornalistas João Murinello³⁴.

31 Capra, F. O Tao da Física. São Paulo: Cultrix. 2ª ed. 1975. 274 p

32 falecido em 09/03/2013

33 Toning Conceição, na atual Casa Garden que lhe servia de residência)

34 Autor do livro A Herança Arquitetónica de Macau em 1983, falecido em 1997

Ian Whiteley³⁵, ao seu “irmão” Nick Griffin³⁶, José Alberto de Sousa³⁷, aos pintores Carlos e Victor Marreiros³⁸, ao advogado Jorge Neto Valente³⁹ ao Guy Lesquoy⁴⁰ e muitos outros. Tantos foram que nem os nomes deles lobrigou, aferrolhados nos cofres da memória.

Os funcionários chineses com quem lidei de perto sempre fingiram nada entender de Português além dos cumprimentos de cortesia. Uma das minhas cinco secretárias era chinesa e datilografava mais de 82 palavras por minuto em Português...alegradamente sem entender nada. Até cerca de um mês e meio antes de sair para a Austrália, fingi só falar português e inglês, mas subitamente comecei a falar com uma certa fluência em chinês (cantonense) para espanto e interrogação deles. Ficariam sempre na dúvida, sem saberem quanto cantonense sabia ou desde quando. Era exatamente o que eles faziam aos ocidentais. Aleguei sempre (tal como eles) que nada entendia, que aquela não era a minha guerra, estava ali só de passagem e nada interessava. Deu resultado.

Esta atitude chinesa destinava-se - como sempre - a garantir uma vantagem sobre o interlocutor sem lhe dar a saber que o entendiam, prática milenar de comprovados excelentes resultados em trocas comerciais. Com essa pretensa humildade se destronava a arrogante atitude dos kwai-lo (também pronunciado gweilo ou gwailo), nome dado aos brancos (insultuoso apenas se usado como sei kwai-lo = maldito fantasma branco). Originalmente significaria diabo branco ou meramente estrangeiro. Gwei significa fantasma ou diabo, sendo fantasma a noção de morto-vivo habitante dos infernos budistas. Quiçá a explicação de pensarem que aqueles brancos – tão alvos – eram mortos que tinham voltado. As normas sociais e o aceitável ou tolerável eram bem distintas de todas as outras conhecidas em Portugal ou em Timor Leste, onde estivera antes de rumar a Macau.

Um dia, pouco antes da passagem da central para as mãos dos portugueses, no meu gabinete entra um dos administradores japoneses muito sorridente com um envelope contendo alegadamente um cheque (alegradamente porque não sei se já prescreveu o crime) e qual é o espanto dele quando o abro e lhe digo que não, que devia ser engano, que não podia ser. O nipónico pensando que eu ficara ofendido pela quantia (a ser um pagamento regular faria de mim milionário em poucos anos) recuou às vênias dizendo que iria substituir o cheque. Claro está que lhe fiz ver que eu era diferente e que não ia aceitar a oferta.

A minha mãe deve ter-me chamado estúpido quando se falou neste episódio. Estúpido decerto não me chamou, sem nunca o afirmar, o meu chefe que, no mesmo período, conseguiu transferir um milhão para a Suíça...certamente acumulando aquele cheque que eu recusara. Limitara-me a declinar a oferta antes de saber que se devia a uns meros 10% de “huvas”. Seria esse o valor da assinatura anual que eu iria apor em documentos de compra de peças sobressalentes para a Central e que iriam ser fornecidas pelos japoneses da Mitsubishi (construtora e fornecedora da Central). Dado que, por ano assinava o equivalente a uns vinte milhões de euros...creio poder berrar bem alto quão estúpido fui, mas não me arrependo embora só a terminação daquele número já me desse um certo jeito hoje, difícil como está a vida dum reformado precoce.

Nos vários jantares, que a administração chinesa da CEM nos [os tecnocratas] oferecera nos primeiros meses, debati-me sempre com enormes dificuldades em utilizar os pauzinhos (fai chi⁴¹). Um dos administradores da CEM, o saudoso Roque Choi (homem forte da administração sombra chinesa que mandava no território e uma joia de pessoa com enorme poder) disse-me logo no primeiro banquete de boas-vindas nos primeiros dias de janeiro 1977: vá para casa e experimente, comece com uma bola de papel grande, vá diminuindo o tamanho até conseguir apanhar uma ervilha, nesse dia saberá comer com os pauzinhos. Assim fiz. Curiosamente, outra das medidas introduzidas por mim, como inovadora naquela época, foi o hábito de reunir os altos quadros dirigentes conjuntamente com os restantes trabalhadores em festas de natal,

35 ATV-HK e depois NHK Japão, atual paradeiro desconhecido)

36 Pivô e repórter da TVB-HK, falecido em data incerta

37 RTP Macau e depois assessor de Ramos Horta em Timor-Leste, falecido em 25/5/2013,

38 Ambos ainda em Macau

39 Ainda em Macau, depois de ter sido deputado local,

40 Do Crazy Horse Paris em Macau nos anos de 1979 (maio) e seguintes, fundador da ANIMA e da Alliance Française, ainda hoje em Macau Diretor de Animação no Hotel Venetian

41 Há pauzinhos de bambu, de osso, de prata ou de jade, mas a maioria é de plástico ou de madeira de faia. Uns são decorados a ouro e outros pintados com caracteres. Mas há 3000 anos, altura em que se acredita que os pauzinhos tenham sido inventados na China da dinastia Shang (1766-1122 a.C.), não passavam de meros galhos de árvore que levavam à boca a comida quente, se bem que o último imperador desta era já tenha mandado fazer os pauzinhos em marfim

abrilhantadas com música, declamação de textos e algumas cantigas alusivas à época natalícia, o que não era habitual numa terra mais habituada apenas às grandes comemorações do *KUNG HEI FAT CHOI*, no início do novo ano chinês. São muitas as recordações que me veem à mente sobre aqueles anos. Uma sobressai, o das ameaças das tríades.

Tinha acabado de desmascarar na CEM um esquema em que os funcionários da limpeza antes de serem admitidos pagavam adiantado dois anos de salário, para conquistarem o lugar vago e a concurso. Resultado, passei a controlar também a admissão do pessoal menor...como resultado recebi de oferta uns quilos de sal no depósito de gasolina do meu carro particular e os pneus do carro da companhia passaram a ser sistematicamente anavalhados. Cenas destas houve várias, tendo a partir de certa altura beneficiado da proteção policial após as horas de serviço, quando um agente da PSP ficava de guarda ao seu carro.

O carro não sofreu muito pois em breve o troquei por um novo que me custou três meses de vencimento. Tratava-se do último modelo da Toyota, Cellica A40 Liftback ST de 1,6 litros (modelo da segunda geração Cellica nunca existente em Portugal).

Mesmo assim com proteção policial, numa das vezes, os pneus foram cortados (o guarda alegadamente aliviava a bexiga, enquanto os malfeitores tratavam dos pneus). Finalmente, tive a oferta de proteção por uma das seitas. Recusei e não cedi à tentação. Habitei-me a lidar com isso sem esmorecer. O mais esquisito foi quando um dos candidatos a empregado de limpeza me veio perguntar porque é que não o admitira pois tinha pago o que lhe tinham pedido.

Disse-lhe para tentar ir pedir o reembolso à origem porque ali ninguém cobrava nada... Para que conste, e ao contrário de alguns deputados da nação que se esquecem de fazer a sua declaração de bens e interesses, ainda possuo hoje o relógio Cartier e o isqueiro S. T. Dupont oferecidos por funcionários. Ambos, ironicamente, foram despedidos pouco depois de me terem feito as ofertas, ao terem um terceiro processo disciplinar, mas isso dava para mais um capítulo completo. Ora bem, depois destas páginas todas, quase me esquecia que estava a falar de um programa Prós e Contras...estava eu a ver o tal programa da RTP1 quando comecei a ouvir sons que pareciam mesmo frases destas “dos Portugueses que deram novos mundos ao mundo”, e doutras aleivosias semelhantes.

Pensei com os meus botões: “enganei-me no século, isto não está a acontecer.” Ali diante dos meus olhos, o ecrã mostrava uma cena passada na RAEM (Região Administrativa Especial de Macau), território chinês desde sempre. Um grupo de lusofalantes a discutir o mérito dos portugueses e da sua ação em Macau? Decerto que alucinava. Eis-me perante esse grande escritor macaense (há quem lhe chame mais português que os portugueses) que é o Henrique de Senna Fernandes (falecido em setembro 2010) e ouço a Fátima “não-sei-das-quantas” Ferreira perguntar-lhe, “mas então se se sente tão português porque é que não se foi embora no dia a seguir à entrega de Macau?” Desisti ali mesmo, ela já ofendera um professor universitário chinês tradutor de Eugénio de Andrade e outros, já ofendera os macaenses que ficaram em Macau, já ofendera quase toda a gente, e continuava a bater na tecla do Grande Império Português...era só Império para aqui, para ali, citando “aquela data em que terminou o Grande Império...” Então, porque é que não se foi embora? Como pode um homem tão orgulhoso em ser português ficar a viver aqui num território chinês e morrer aqui?

Estas perguntas martelavam-me os ouvidos. Nem sabia o que pensar. Pena tinha de não ter acesso ao satélite de transmissões e abatê-lo para acabar ali mesmo com aquela vergonha. Era como se alguém perguntasse a um casal constituído por um elemento chinês e outro português, no dia a seguir à transição da administração portuguesa, se ainda podem continuar a viver juntos agora que é o chinês quem manda e o outro já não... Como é que aquela entrevistadora se podia mostrar tão ignorante, insensível, mal-educada e hostil para com os que a receberam? Outros macaenses, que bem conhecia, e portugueses, que lá ficaram e conheci bem, ainda a tentaram desviar daquele rumo, falando do futuro, criticando Portugal, mas ela de nada queria saber, apenas manifestava o seu desagrado por Portugal ter entregado Macau à R. Popular da China. Teria esquecido, ou nunca soubera, que nesse tempo do dito “Império”, aparte algumas instituições serem lideradas por Portugueses e as ruas ostentarem nomes bem-soantes em português, ninguém sabia onde estas ficavam a menos que os nomes fossem ditos em chinês?

Se entrasse num táxi para o Hotel Estoril (para grande consternação minha, estava em ruínas em 2011, à espera de ser demolido e reconstruído) e dissesse para ir lá, na Avenida Sidónio Pais, era impossível chegar a menos que soubesse a transcrição fonética correta do nome da rua em cantonês: *Sidonau Pasi*. Também o meu prédio era *Fei Tchoi Iun* em vez de Edifício Jade Garden na Avenida Coronel Mesquita. Dizendo o nome da rua em português e o do prédio em inglês nunca chegaria a casa... Será que a Fátima “não-sei-das-quantas” nunca se apercebeu que legalmente Macau era Território Chinês sob Administração Portuguesa? Macau nunca foi Português!

Por que não uma nova bandeira com os cinco castelos mais o de S. João Baptista de Ajudá (Ouidá) que já ardeu nos idos de 1961?

A Fortaleza de S. João Baptista de Ajudá, conhecida como Feitoria de Ajudá (ou simplesmente Ajudá), localizava-se na cidade de Ouidá, na costa ocidental africana, atual República de Benim. O Daomé tornou-se uma colônia francesa em 1892, obtendo independência em 1 de agosto de 1960, quando se transformou na República do Benim. No ano seguinte, tropas do Benim invadiram Ouidá, dependência da colônia de S. Tomé e Príncipe. Sem condições para oferecer resistência, o governo de Salazar ordenou ao último residente da praça que a incendiasse antes de a abandonar. A anexação foi reconhecida por Portugal em 1985.

Pasmava de ver tanta ignorância neste exemplo de jornalismo à portuguesa...felizmente que os chineses e a sua cultura milenar, apenas têm mais uns milhares de anos que a dos portugueses. São corteses e educados e não a puseram logo no olho da rua...e a fulana vai voltar a Portugal satisfeita a pensar que magnífico programa ali fez. As caras de gozo do advogado Jorge Neto Valente, do Jorge Rangel e do arquiteto Marreiros exemplificavam a pena que sentiam por aquela anormal. Não me admirava que recebesse já outro Globo de Ouro por este programa.

*Em Braga, um bolo-rei com 120 metros;
em Olhão, bolo-rei de 100 metros;
em Pombal, 50 metros;
em Loulé, 75 metros;
em Câmara de Lobos, 120 metros;
em Machico, bolo-rei mais modesto, com 10 metros,
mas no Porto Santo, com 25 metros.*

Portanto, as finanças locais dão para muita fruta cristalizada. Estas tendências pindéricas de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam grandes valores que até existiram. Esta mania de que “nós portugueses [ainda] somos grandes”, nós que já fomos grandes, fomos os maiores...

Lembro-me de me contarem que em 9 de outubro 1976 proclamavam o Centro Comercial Brasília do Porto, quando foi inaugurado como sendo o maior da Europa...que o centro comercial X, Y ou Z são os maiores do mundo, que a árvore de natal em Belém (Lisboa) é a maior...

Esta frustração edípica, que Freud explicaria, leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, com a maior sopa, a maior feijoada, a maior assadeira de castanhas em Vinhais, a maior isto e aquilo... será que o tamanho conta?

É também esta a Lusofonia que não quero. Que me leva a sentimentos de repulsa quando vê proposta uma bandeira da Lusofonia com a esfera armilar.... Há uma certa Portugalidade incompatível com a Lusofonia.... Estas tendências pindéricas de armar ao pingarelho quando nem sequer se respeitam grandes valores que até existiram. Estas manias de que “nós portugueses somos grandes”, de que foram grandes e os leva a proclamar que o Centro Comercial Brasília, do Porto, quando foi inaugurado era o maior da Europa...que o centro comercial X, Y ou Z são os maiores do mundo, que a árvore de natal em Belém (Lisboa) é a maior... Esta frustração edípica, que Freud explicaria, leva a que entre as maiores imbecilidades do mundo estejam tantos portugueses, a maior sopa, a maior feijoada, a maior isto, a maior aquilo.... Será que o tamanho conta? Como disse e bem o presidente da Porsche, Wendelin Wiedeking “Se o tamanho fosse importante os dinossauros estariam vivos”.